

foco

Cr. \$ 5,00

EM TODO O PAÍS

C I N E M A ★ T E A T R O ★ R Á D I O

RC (Foco)
ano I n. 2
jul. 1951

ELIANE LAGE

ELIANE LAGE é carioca, filha de uma das mais importantes famílias do Rio de Janeiro. Em 1947 Eliane concluiu seus estudos no Colégio Sion, do Distrito Federal. Conta a jovem estrela da Vera Cruz vinte e dois anos, é alta, possui cabelos castanhos escuros e olhos da mesma cor. É magra, elegante, e veste-se com apurado gosto. Eliane esteve, em 1948, na Europa, onde permaneceu até fins de 1949. Nessa ocasião visitou Portugal, França, Bélgica, Suíça, Inglaterra, Itália e Grécia.

Na França, onde permaneceu mais de um ano, Eliane começou a se interessar por teatro. Ingressou no curso de arte dramática, dirigido pelo extraordinário Jean-Louis Barrault. Concluiu o curso, Eliane voltou ao Brasil. Pouco tempo depois de seu regresso, Eliane veio a São Paulo, em visita a velhos amigos da família. E aqui foi apresentada, durante um jantar, a Alberto Cavalcanti, então diretor geral da Vera Cruz e que estava atrás da heroína de "Caiçara", película cuja filmagem deveria começar em breve. Cavalcanti ficou impressionado com o tipo de Eliane e, imediatamente, propôs-lhe um teste cinematográfico. A moça ficou surpreendida, mas aceitou o convite. O resultado foi além da expectativa e Eliane surgiu "estrela" em "CAIÇARA", a primeira produção dos estúdios de São Bernardo do Campo, dirigida por Adolfo Celi, com Abílio Pereira de Almeida, Mario Sergio e Carlos Vergueiro, nos principais papéis masculinos.



ANO I N.º 2
JULHO — 1951
SÃO PAULO

remington

PESSOAL AN

Eis a mais aperfeiçoada máquina de escrever em seu gênero! De pêso reduzido, facilmente transportável, a novíssima Remington Pessoal AN é ideal para serviços em casa, no escritório, ou mesmo em viagens. Linhas modernas e construção robusta.



Um produto
REMINGTON RAND

Distribuidores no Brasil:

S. A. CASA PRATT

Filial de S. Paulo: Rua José Bonifácio, 227 - Fone 33-2161 - Cx. Postal 1419

DEMONSTRAÇÕES E FOLHETOS, SEM COMPROMISSO



- semi-portátil...
ideal para
"Uso Individual"

**a jóia das
máquinas de
escrever**

Teclas anatômicas, que se
ajustam melhor aos dedos

Carros de 25,4 cms.,
montado sôbre
rolamentos cilíndricos

Segmento móvel para
escrita de maiúsculas

Tabulador de ajuste e
desajuste automáticos,
com dispositivos no
próprio teclado





CULTURA OFICIAL

NA EXPOSIÇÃO do seu plano quatrienal de Governo, referiu-se o Governador Lucas Nogueira Garcez à criação do Departamento de Cultura do Estado. Assim, a palavra do candidato reafirma-se na palavra do governante, e esperamos ver em breve realidade o que sonhamos há tanto tempo em São Paulo.

A obra de democratização de cultura incentivada no governo Adhemar de Barros, através de inúmeras realizações, e executada em nossa capital através do programa do Departamento Municipal de Cultura, terá assim o seu seguimento, dentro de todo o território do Estado, através de um organismo capaz de realizar eficazmente uma política cultural em extensão e profundidade. O exemplo dado pelo Departamento Municipal de Cultura no governo passado poderá servir de subsídio interessante para o futuro órgão estadual. Nos dois últimos anos, 1949 e 1950, a repartição fundada por Mário de Andrade executou um programa amplo, eficiente e prático, como jamais foi realizado em nosso país, constituindo um autêntico recorde de trabalho até agora não igualado por outra instituição cultural em todo o Brasil. Centenas de espetáculos foram realizados em todos os bairros da capital. Cinema, teatro, "ballet", música, etc., foram levados a todos os quadrantes da cidade, dando assim oportunidade ao povo para se manter em contacto com as mais belas e emocionantes demonstrações artísticas. Villa Lôbos, Mignone, Baldi, Eleazar de Carvalho, entre outros famosos regentes, foram aplaudidos nos teatros dos arrabaldes. Dulcina, Silveira Sampaio e Procópio, se apresentaram ao público dos bairros longínquos, e o "Ballet des Champs Elysées" exibiu-se para o povo do Brás.

Nesta obra fecunda e nos seus resultados é que devem os responsáveis pela criação do Departamento de Cultura do Estado buscar as bases de um programa de ação, de modo a podermos ver, em breve, funcionando êsse tão almejado organismo, com a sua grande orquestra sinfônica, com as suas escolas de teatro, bailados e cinema, e, principalmente com a sua seção bibliotecária a estender a sua cooperação através de todos os municípios do nosso Estado.

Será para nós motivo de justificado orgulho ver que São Paulo continua assim a dar o exemplo de que não considera como simples afirmação romântica o artigo 174 de nossa Constituição Federal, que considera o amparo à cultura um dever do Estado. Antes de mais nada, cultura para nós é a estabilização da democracia, motivo pelo qual nos regozijamos com as declarações do Governador de São Paulo, esperando ver confirmadas suas palavras pela efetiva criação de tão importante organismo na vida social e política do Estado.

foco

REVISTA DE CINEMA ♦ TEATRO ♦ RADIO

Publicação da Indústria Gráfica Siqueira S/A. — Redação e Administração: Rua S. Francisco, 81, 6.º andar - Fone: 32-2306 - S. Paulo - Brasil — Diretor: José de Barros Martins — Diretor Responsável: Luiz Giovanini — Secretário: Cláudio S. Camargo — Coordenador Artístico: Angel Rodriguez Varela.

ENRIQUECEU-SE O REPERTORIO NACIONAL

A estréia de "A PORTA", de autoria de Clô Pereira Prado, encenada por Silveira Sampaio, no grande auditório do Teatro de Cultura Artística, constituiu, sem dúvida, um magnífico acontecimento artístico e social. Não se tratava, apenas, de mais uma peça em cartaz, mas sim da apresentação de mais um autor dramático brasileiro, neste caso mulher e de São Paulo. Clô Pereira Prado, figura festejada nos meios sociais paulistanos, por suas qualidades de grande empreendedora, era, sem que o soubéssemos, um autor dramático em ebulição. E bastou-lhe tão somente o clima necessário para eclodir nessa manifestação artística que é "A PORTA", peça das mais discutidas no momento, não só pelo seu conteúdo, mas pela sua forma. Silveira Sampaio, o audacioso ator-autor-diretor que o público de São Paulo conhece através de sua trilogia do herói-grotesco "Da inconveniência de Ser Esposa", "Da Necessidade de ser Polígamo" e de "A Garçonniere de Meu Marido", além de "O Impacto", há pouco representada, soube dar à peça de Clô Pereira Prado uma "mise-en-scène" perfeitamente condizente com o texto, servindo-se, ainda, de uma representação em perfeita harmonia com o espírito da peça, tão sobriamente levada a efeito por Madalena Nicol, Ludy Veloso, Marga-

Silveira Sampaio, o diretor, e Clô Pereira Prado, a autora, satisfeitos com o êxito da estréia, sorriem para a objetiva.



rida Rey, Magalhães Graça e o próprio Silveira Sampaio.

A "première" de "A PORTA" foi dada em benefício da Cruz Vermelha de São Paulo, e contou com a presença do elemento mais representativo



Snr. Fabio Prado.



Srna. Fabio Prado.

UM GRANDE ACONTECIMENTO TEATRAL



Silveira e Madalena Nicol, os principais interpretes.

Madalena e Margarida Rey, em outra boa cena da peça.



Ainda uma expressiva cena da peça de Cló Pereira Prado.

de nossa sociedade, que lotou o grande auditório do Cultura Artística e aplaudiu com entusiasmo os três atos da peça, numa espontânea manifestação de agrado à primeira produção dessa nova autora paulista.

"FOCO", presente a essa festa de inteligência e de espírito, reproduz algumas fotografias da peça, de sua autora, de seu diretor, de seus atores e de elementos de nossa sociedade que tiveram a oportunidade de assistir a estréia de "A PORTA".

Silveira rodeado pelas intérpretes femininas da peça.



ELA... A MAIOR

SIM, BIBI FERREIRA, a maior de tôdas, aquela que marca, com seu aparecimento no teatro de revista, uma nova época de renovação e de brilhantismo. Poucas vêzes a revista teve a interpretá-la uma "vedette" que reunisse a um só tempo tantas e tão boas qualidades. Graça, ritmo, riqueza de gestos e de expressões, constituem o lastro no qual se assenta o êxito de Bibi Ferreira. Cantando ou dançando, revela-se a mesma grande atriz que estamos acostumados a ver na comédia ou no drama. "Divórcio" ou "A Herdeira", sob o ponto de vista da criação artística podem servir de paradigma a "PRÁ LÁ DE BOA". (Não percamos de vista, é claro, a perspectiva em que ambos os gêneros se desenvolvem). Mas não é apenas isto... A "estrela" também é uma excelente diretora. Sabe se cercar de bons elementos e oferecer ao público aquilo que o público quer e que o público merece. Em "PRÁ LÁ DE BOA" Bibi apresenta um equilibrado e harmonioso conjunto de "girls", ponto fundamental para o êxito de uma revista. E sem descuidar-se da parte de canto, sempre ilustrada com belos bailados, Bibi também deu especial atenção à parte cômica. Silva Filho, Grijó, Cataldo, são os maiores do riso... E graças ao talento, ao bom gosto, ao cuidado de Bibi, "PRÁ LÁ DE BOA" constitui um espetáculo perfeito para os olhos e um divertimento para o espírito, um divertimento repousante e terapêutico. Nesta fotografia Bibi aparece pronta para entrar em cena, num dos quadros da revista de Hêlio Ribeiro e Seysa Boscoli, apresentada no teatro Santana.





Não se assuste! Esta pose é apenas para fazer graça. É por isso que Bibi paga Grijó Sobrinho e Cataldo. E ambos procuram fazer jus aos ordenados.



Nossa objetiva surpreende Solange em seu camarim, quando a simpática atriz se preparava para entrar num dos quadros.

TEATRO DE REVISTA

BIBI MOSTRA A SÃO PAULO UM VERDADEIRO ESPETÁCULO

"PRÁ LÁ DE BOA", de autoria de Helio Ribeiro e Seysa Boscoli, assinala o reaparecimento de Bibi Ferreira, em São Paulo, no teatro de revista. O espírito de renovação que tomou conta de nosso teatro, também se fez sentir nesse setor. Entre os revistógrafos, cabe a Helio e a Ceysa, um destacado lugar. Quanto à interpretação, é Bibi Ferreira que se coloca entre as primeiras.

Bibi Ferreira vem do teatro dramático, onde graças ao seu talento e à sua sensibilidade, obteve as honras do "estrelato". Mas Bibi é temperamentalmente inquieta. Sua inteligência viva requer sempre novos campos de ação. Daí voltar suas vistas para o teatro de revista, inegavelmente um dos mais complexos gêneros do teatro.

"FANTASIA PANAMERICANA"
um dos mais belos quadros da nova revista de Helio Ribeiro.

A parte cômica de "Prá lá de Boa" está a cargo de Silva Filho, um dos melhores cômicos do nosso teatro de revista; de Cataldo, que vem do teatro declamado e está se firmando no gênero

e de Grijó Sobrinho; Renato Restier, outro ator de teatro declamado, é responsável por alguns bons quadros. Quanto à parte feminina, predomina um absoluto bom gosto. Bibi e Helio con-



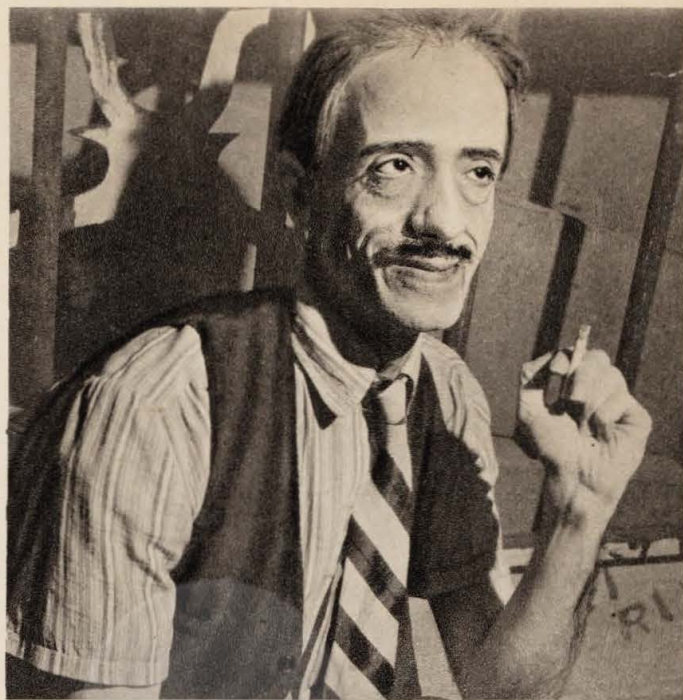


“Silêncio!”... diz brevemente a linda Rita Romani, outro elemento de valor apresentado por Bibi, em “Prá lá de Boa”.

trataram, ainda, o Ballet Argentino, Las Cubanelas, Ballet Japonês e George Green, norte-americano.

Merece referência à parte, Solange França, que está substituindo Rubia Mara. Solange revelou-se também uma “vedette” de magníficos recursos. Ao seu desembaraço pessoal, alia uma excelente voz e uma plástica invejável.

Dentre os quadros apresentados pela nova revista de Helio Ribeiro, merecem referências especiais o último do primeiro e o último do segundo ato; no último do primeiro, “Fantasia Pan-



Silva Filho, o homem mais feio do teatro de revista... Mas, em compensação, na comédia, não vê ninguém na frente. Está sozinho!

Entre um quadro e outro, Bibi conversa com os “boys”, explicando-lhes algo de novo do próximo bailado. A estrela é incansável!





A revista não é só alegria prazer e divertimento. Ha momentos de cansaço, de grande cansaço ! Que o diga pois esta linda "girl"

"Quê guapo mexicano!" Um "chamaco?" Nada disso, leitor amigo... Este é o "nacional" Renato Restier, o "galã" da revista



Solange França, uma revelação dos palcos brasileiros, abandonou o teatro de Dulcina para ingressar na "revista", ao lado de Bibi.

Americana", com Renato Restier, Las Cubanelas, Godofredo, Nelson Jesus, e, no final, a companhia tôda, para uma apoteose às Américas, Bibi consegue fazer o público vibrar de entusiasmo.

É precisamente cantando e dançando que ela revela a plenitude de seu talento. Graça, ritmo, simpatia, bom gosto, tudo isto se junta para exaltar a figura da filha de Procopio.

"FOCO" reproduz fotografias de Bibi, Solange, Silva Filho, Cataldo, Restier, algumas girls e alguns quadros de "Prá lá de Boa" tomadas durante um de seus primeiros espetáculos.

A vida de

GLORIA SWANSON

"Depois dos 50 Anos Não
a Fama e a Eternidade." —



Gloria Swanson, a "vamp" do passado, numa pose sentimental e que se tornou clássica no cinema.

Durante toda uma geração, de 1918 a 1934, Gloria Swanson, uma das mulheres mais fascinantes de todos os tempos, foi o símbolo da finura, da elegância, da beleza e da prodigalidade. Como Charlie Chaplin, Marv Pickford, Douglas Fairbanks, Greta Garbo e Rodolfo Valentino, Gloria Swanson ficará como uma das grandes personalidades do cinema.

Embora vovó desde 1942, a famosa estrela do cinema silencioso conserva, ainda, sua natural elegância e distinção, não lembrando, nem longinquamente, a "velha atriz" presa ao passado, envilecida pelo tempo, desiludida, fisicamente destruída, desconfiada de todos e relaxada no vestir. Ao contrário, Gloria é ainda faceira, elegante, e ostensivamente "jovem". Sua volta inesperada ao cinema, há dois anos passados, protagonizando "Crepúsculo dos Deuses" (Sunset Boulevard), constitui um dos maiores êxitos obtidos por um "astro ou uma "estrela" no após guerra. Seu reaparecimento foi saudado como um dos maiores acontecimentos cinematográficos de todos os tempos. E foi isto que despertou a ambição de uma Pola Negri, de uma Norma Shearer, de uma Greta Garbo, mesmo, ansiosas por repetirem na tela a "performance" de sua ex-rival de outros tempos.

Durante vinte anos, entre as duas guerras, milhares e milhares de moças procuraram vestir-se como ela se vestia, e a amar como ela "amava" na tela, imitando-a até no andar, no olhar, no sorriso... Hoje, possivelmente, toma-la-ão por exemplo as mulheres de cinquenta anos, sequiosas de mocidade e que não se conformam em ficar à margem. E com Gloria Swanson aprenderão não apenas a se vestir, mas a maquiarse e a saber levar, desembaraçadamente, um corpo de cinquenta anos, pouco marcado pelo tempo, fazendo disto que conside-

Uma história real que parece um conto das "MIL E UMA NOITES" — Salários nababescos — Um castelo para passar alguns dias — Banquetes para trezentos talheres — Presentes de ouro maciço — Cinco maridos, três filhos e uma neta — A Volta espetacular de uma "estrela" — "CREPUSCULO DOS DEUSES" uma consagração.

Reportagem de LAURO CARDIM

ram um castigo (a velhice), algo que atinja as raízes da própria coqueteria.

O segredo de Gloria, o êxito de Gloria, o fascínio de Gloria, está no fato de saber se dominar a si própria, colocando-se sempre, com excepcional segurança, à altura da situação. Jamais esmoreceu e nunca se impressionou com o juízo alheio.

BANQUETE PARA TREZENTAS PESSOAS

Entre 1923 e 1926, período de sua maior fortuna, Gloria Swanson recebeu da Paramount um ordenado de vinte mil dolares semanais — cerca de um milhão de dolares por ano. Nos anos precedentes e seguintes, entre 1918 e 1929, o seu ganho médio anual foi de 750 mil dolares — isto é, 15 milhões de cruzeiros. De 1929 até 1934, embora nem sempre iguais, seus salários atingiram a vários milhões de cruzeiros. São cifras astronômicas, enormes, e que fazem o leitor duvidar. No entanto, o elemento extraordinário na vida de Gloria não está tanto nas cifras fabulosas, às quais, de certa maneira, o cinema norte-americano nos habituou, quanto no fato de Gloria Swanson, atriz das mais extravagantes que o cinema já possuiu, haver gasto até o último "cent" o que ganhava. Ela mesma diz, hoje em dia, que não sabe explicar como conseguiu gastar tão grande patrimônio. Diz Gloria que no seu tempo as atrizes não costumavam ter administradores, e ela se limitava a receber as notas de débito e passá-las à Paramount, para que a empresa as pagasse. Este é um dos motivos de sua falta de cuidado nas despesas. Ou provavelmente a culpa de ser tão gastadeira cabe à mãe, que desde menina acostumou-a ao luxo; ou, quem sabe, Cecil B. De Mille, diretor dos mais fastosos de Hollywood, que a acostumara a gastar loucamente, não seria o único culpado. São outras tantas desculpas que Gloria evoca para justificar sua mania de luxo, seu gosto por joias, peles e casas suntuosas. A verdade, entretanto, é que Gloria por muitos anos não pôde compreender, nem afastadamente, a importância do dinheiro, por que este ia-lhe ter às suas mãos de maneira fácil, quase milagrosa, e sem limites. Foi nesse período que Gloria deu banquetes de trezentos talheres; ocupava andares inteiros nos mais luxuosos hotéis, com sequitos de amigos, secretários, publicistas, aos quais oferecia presentes ricos e de valor.

Em todas as suas biografias conta-se que um dia, em Paris, para fugir ao entusiasmo da multidão, refugiou-se na Joalheria Carter e, enquanto esperava a turba dispersar-se, adquiriu, para matar o tédio, um bracelête de vários milhões de francos. Em 1931, quando sua estrela já começava a declinar, comprou quatro novas peles, caríssimas, além das catorzes que já possuía, apenas porque devia visitar seus filhos no colégio, na Suíça. "Pensava — confessa candidamente Gloria — no frio da Suíça".

Durante sua primeira estada na França, em 1924, hospedou-se no hotel Crillon, onde ocupou um andar todo. Poucos dias depois, entretanto, resolveu alugar o luxuoso e caríssimo palácio do marquês de Bront, de seis andares, porque achou que no hotel não tinha espaço suficiente. Na nova residência contratou o serviço de uma centena de criados e,

entre outras loucuras, organizou um banquete de Natal, para cem pessoas, cada uma assistida por um criado. Depois do banquete, os convidados receberam um costume completo de "apache" para o baile da noite e um riquíssimo presente.

Existe a Velhice... Existe um "Slogan" para a estrela

A MULHER MAIS ELEGANTE DO MUNDO

Nos anos de seu triunfo, Gloria Swanson foi considerada, com justiça, a mulher mais elegante do mundo e, como tal, a única que durante anos seguidos obteve a classificação de "rainha da moda". Só para roupas, Gloria costumava gastar cerca de 50 mil dolares anuais. Mas não era apenas pelo número, nem pelo valor de seus vestidos, que obtivera o primato de "a mulher mais elegante". Gloria Swanson era sobretudo uma mulher de gosto apurado e sensível, naturalmente rica, que sabia valorizar o que usava e se vangloriava de nunca usar nada que não tivesse a chancela de sua personalidade. E era por isso que quando punha um vestido, um chapéu ou uma peça, no dia seguinte as mulheres de todo o mundo a imitavam.

Até depois que a fortuna a abandonou, em 1934, Gloria sempre considerou as despesas mais importantes as que fazia com roupas. Sobre um ganho anual de 25 mil dolares, sete mil reservava ela para a compra de vestidos, sapatos e outros objetos de uso pessoal. E ainda hoje, no mais amplo comodo de seu apartamento de Nova York, podem ser vistos armários e caixas cheios de vestidos e de chapéus, rigorosamente dentro da moda. Glória possui, presentemente, trezentos vestidos, cem pares de sapatos, três caixas de luvas e cinco de chapéus. Fascinadora, fastosa, prodiga além do normal, rica de personalidade, de inteligência e de talento, Gloria Swanson nunca foi uma mulher verdadeiramente bela como, por exemplo, Jean Harlow, Lana Turner ou Rita Hayworth. Mesmo num exame superficial, pode-se verificar que ela tem estatura baixa, (pouco mais de um metro e meio), testa alta e ombros quadrados demais para seu corpo. Além disso tem o queixo saliente, os dentes grandes e o nariz muito comprido e arrebicado. Todo o seu fascínio, graças ao qual foi escolhida como símbolo completo da feminilidade, deve-se a seu porte, à graça um pouco agressiva de seu andar, à sua gesticulação e, principalmente, aos olhos, cinzentos e brilhantes, convidativos e plenos de ironia. Nenhuma outra atriz, nem mesmo Greta Garbo, soube conquistar, de maneira tão completa, a simpatia do público. Durante dez longos anos, de 1920 a 1930, Glória recebeu, diariamente, cerca de duas mil cartas, procedentes de todas as partes do mundo. Conta-se que para a "première" de seu filme "Madame Sans-Gêne", a multidão se comprimiu ao longo das ruas para vê-la passar, bloqueando completamente o tráfego do Times Square. Durante uma viagem que fez pela California, os prefeitos de cada uma das cidades visitadas por Gloria, determinaram feriado local,

Norma Desmond (Gloria Swanson) e Joe (William Holden), numa das cenas mais dramáticas do filme.



William Holden, Gloria Swanson, Nancy Olson e Erich von Stroheim, os principais intérpretes do filme de Wilder.

Gloria, apesar dos anos, continua uma mulher encantadora.



A VIDA DE GLORIA SWANSON



"Sadie Thompson." 1928.



"The Trespasser". 1929.



Gloria na cena de "The Coast of Folly", velho filme de 1925, com o qual a "estrela" obteve o melhor de seus triunfos no cinema silencioso. Encontrava-se, então, em pleno apogeu artístico... E ganhava ordenado fantástico, que nem ela mesmo sabia o total.



"Sadie Thompson." 1928.



"Wath a Widow". 1930.

Gloria, ladeada pelo cenarista Charles Brackett e por Billy Wilder, não esconde sua alegria pelo grande êxito obtido.





A atriz é uma “devoradora” de livros. E sabe selecionar sua leitura. A gravura mostra-a num ângulo de sua magnífica biblioteca, folheando algumas obras favoritas. E não se trata de romancécos sentimentais! Nada disso!... Olhando atentamente, o leitor poderá verificar que ela está consultando o velho Platão.



Gloria Swanson tal qual aparece numa cena do filme “Crepusculo dos Deuses”, lembrando as suas velhas comédias de Mack Sennett.

Outra cena, bastante expressiva, do filme de Willy Wilder, vendo-se Gloria e William numa intimidade que dispensa comentário...



para que jovens e velhos, crianças e adultos, pudessem levar sua manifestação à famosa atriz. E certa vez, na estação de Los Angeles, duas bandas de música, à frente das quais se encontravam Charlie Chaplin, Mary Pickford e Douglas Fairbanks, foram receber Gloria, que regressava à cidade. Nesse dia, durante o percurso feito pela estrêla, que atravessou a pé, o trajeto da estação ao hotel, foi alvo de uma das maiores manifestações de sua vida. Um admirador, entusiasmado, atirou-lhe um ramalhete de flores nos olhos, produzindo-lhe equimose que durante muito tempo a atriz mostrou a todos, com evidente orgulho...

OS MARIDOS DE GLORIA

A mulher que, na tela, subjugava todos os homens que surgiam ao seu lado, na vida real não soube encontrar em nenhum uma plena compreensão sentimental. "Compreendo tudo de uma mulher, uma hora depois de havê-la encontrado," — disse Gloria. — "Mas nunca consegui compreender nada dos homens." E os homens, na verdade, desfilaram por sua vida, sem deixar marca, sem dar-lhe nada e recebendo muito pouco, além de seu dinheiro.

O primeiro marido de Gloria foi Wallace Beery, com quem se casou em 1916. Viveram juntos algumas semanas e três anos mais tarde se divorciaram. O segundo marido foi o produtor cinematográfico Somborn, seguido pelo marquês de La Falaise, de um jovem inglês, Michael Farmer e, finalmente, de William Davey, industrial e único marido rico que Gloria teve, com quem se casou em 1945, divorciando-se em 1948. Davey morreu o ano passado, não fazendo qualquer menção ao nome de Gloria no seu testamento.

Como ontem, ainda hoje Gloria continua vivendo do seu amor materno; a filha mais velha, Gloria, tem trinta anos e fé-la avó, em 1942; o filho adotivo, Michele, de 27 anos, é engenheiro eletricitista; e finalmente Michela, a menor e a predileta de Gloria, conta dezoito anos e segue a carreira teatral. Há doze anos Gloria vivia retirada, aceitando, sem acrimonia, o ocaso artístico. Aceitou o que a vida lhe oferecia e tratou de ganhar a vida dirigindo um escritório especializado em registro de patentes industriais, interpretando pequenos filmes de verão, aparecendo de quando em vez na televisão, ou em peças sem responsabilidade. Havia se resignado, afinal, a ser uma mulher qualquer, sem aparente dificuldade, mãe e avó como tantas outras, quando, há dois anos passados, a Paramount ofereceu-lhe o papel principal de "Crepúsculo dos Deuses". Gloria voltou ao cinema, e voltou de maneira espetacular, surpreendendo crítica e público. Aclamada, novamente, pela multidão, Gloria Swanson, aos cinquenta e dois anos de idade, transforma-se outra vez num ídolo e num símbolo, conquistando o galardão de "a melhor atriz de 1950".

E para ela foi criado o "slogan" — "DEPOIS DOS CINCOENTA ANOS NÃO EXISTE A VELHICE... EXISTE A FAMA E A ETERNIDADE".



Depois de uma ausência de quase 15 anos, Gloria "explodiu" no cinema com a força de uma autêntica bomba. Aqui aparece ela ao lado de Holden, o galã de sua maturidade, numa cena de "Crepúsculo dos Deuses"



Cecil B. De Mille foi um dos diretores que contribuiu para a "gloria" de Gloria, no cinema silencioso. Aqui vemos-o assistindo, atentamente, Wilder dirigir a velha "estrela", em "Crepúsculo dos Deuses".



Gloria, durante as folgas do filme, diverte-se como pode.

"Toda a Música pode ser apresentada no Rádio..."

Entrevista com o maestro Souza Lima, do Teatro Municipal de São Paulo — Na música popular suas preferências recaem sobre os conjuntos vocais — Quatro Azes e um Coringa e As Irmãs Meireles — "Toda a música pode ser apresentada no rádio com sucesso, desde que seja boa e bem executada." — declara o entrevistado.

A música no rádio sempre provocou os mais desencontrados comentários da parte do público. Enquanto uns desejam que as emissoras apresentem mais programas de música fina ou semi-fina como canções, baladas, fantasias e ouvertures e acham que o rádio banalizou-se, outros desligam os seus receptores na hora desses programas. Acontece, porém, que os dirigentes de emissora descobriram que estes últimos são a maioria. E o rádio é feito para a maioria. Daí o grande número de programas de música popular e o pouco interesse pela música fina nas emissoras. Cada gênero ou ritmo que entra em moda é logo explorado com exagero que o torna em pouco tempo monótono. A questão da música no rádio, é portanto, uma questão aberta. Cada emissora age com absoluta liberdade. Tanta liberdade que chega até a haver confusão, a ponto de se tornar difícil a uma pessoa de pouca instrução distinguir entre o *bom* e o *mau*, dentro da própria música popular que predomina na programação das emissoras brasileiras.

FOCALIZANDO essa velha questão, publicamos neste primeiro número, uma entrevista com o maestro Souza Lima. Trata-se de uma autoridade na matéria. O maestro Souza Lima, que pertence ao Teatro Municipal de S. Paulo é um concertista de piano consagrado. Foi fundador da Rádio Tupi e da Gazeta, onde até pouco tempo exerceu constante atividade.

Toda a Música e não qualquer Música

Nossa primeira pergunta ao maestro Souza Lima, que encontramos em seu gabinete de trabalho no Municipal, foi de sentido bastante amplo. Perguntamos o que ele achava da música no rádio. Sua resposta também foi ampla. Houve outras perguntas. Diversas vezes reporter e entrevistado fugiram do assunto e voltaram a ele. E tudo o que ouvimos do inteligente maestro, numa palestra agradável e franca, pode ser resumido nestas palavras: "Toda a música pode ser apresentada no rádio, com sucesso, desde que seja boa e bem executada. Não acho, como talvez alguns pensem, que se deve tocar somente música fina no rádio. Longe disso! Parece-me que o ideal é o meio-termo. O rádio é um excelente veículo de divulgação da boa música, seja ela música fina ou popular. O que existe no rádio de prejudicial é uma grande pressa. A música fina vai para o ar com pouco ensaio, muitas vezes por orquestras incompletas e ineficientes e não pode sair boa coisa. Por isso não agrada. Mas se for bem executada, ensaiada com escrúpulo por elementos capazes, também alcançará sucesso. Começando por canções, cançonetas, ouvertures e fantasias, o público ouvinte seria capaz de ouvir até óperas e sinfonias com muito agrado. — Repito mais uma vez que toda a música pode ser apresentada com sucesso no rádio, desde que seja boa e bem executada."

Música popular

Sobre a música popular a sua opinião é também bastante sólida. "Gosto de" quase toda a música popular — diz o nosso entrevistado — naturalmente não posso ouvir até o fim,



O maestro Souza Lima, que pertence ao corpo de maestros do Teatro Municipal de São Paulo, confessa apreciar a música popular, embora não suporte esses cantores desmilinguidos, cuja única preocupação é impressionar as jovens casadoiras.

certos cantores vaidosos, de voz tremelicante ou espichada, que procuram impressionar as pobres meninas dos arrabaldes. Mas admiro os cantores sobrios, as músicas apresentadas pelos conjuntos orquestrais e vocais como "Quatro Azes e um Coringa", as "Irmãs Meireles", etc."

Antes de terminar sua palestra o maestro Souza Lima pede que não citemos os nomes por ele referidos, a fim de evitar mal entendidos. "Não estou bem ao par de tudo o que vai por aí na música popular e não quero cometer injustiças" — diz ao reporter. Atendemos seu pedido com admiração. Citamos apenas os dois conjuntos acima para melhor exemplificar a sua predileção no terreno da música popular.

Outras pessoas deporão no próximo número de FOCO, sobre a música no rádio. Nosso intuito é esclarecer o mais possível essas velhas questões consideradas sem solução ou proteladas pela conveniência, como o caso do bom e do mau popular, a velha história do dramalhão em rádio-teatro, o conceito de valor e o cartaz, o humorismo pornográfico, etc. Focalizaremos aqui todos esses assuntos, que sempre serão abordados por pessoas autorizadas a falar sobre a matéria.



PAOLO STOPPA, um dos maiores atores do teatro italiano, vive, na peça de Arthur Muller, a figura impressionante de Willy Loman, o fracassado caixeiro viajante.

(CARTA DA ITÁLIA)

CRÔNICA E MORTE DE UM CAIXEIRO VIAJANTE

GIOVANNI CALENDOLI

A UNIDADE que o drama americano contemporâneo havia conquistado através a construção rapsódica e romântica de Eugene O'Neill, nos últimos lustres foi ultrapassada pela jovem geração de comediógrafos, com uma combativa obra de revisão e de desintegração.

A revisão foi feita especialmente no terreno espiritual. Os personagens completos de Eugene O'Neill vivem sempre fora do tempo e do espaço, num clima de pura fantasia; são criaturas simbólicas, chamadas a representar um particular momento da alma humana considerada na sua universalidade. O próprio "Imperador Jones", que parece colocado, pela contingência de sua aventura, pela cor de sua pele e pela natureza de seu drama, numa atmosfera historicamente definitiva, na realidade é apenas um símbolo: o símbolo do eterno conflito entre o orgulho e o medo, expresso no seu significado mais geral e mais abstrato e, por isso, com espírito profundamente unitário.

Os escritores da nova geração submeteram o mundo de Eugene O'Neill, à sua concepção do personagem, à crítica que neles nascia espontânea de um senso mais

imediate e mais preciso da realidade, de um amor pela aventura humana, colhida na sua bem definida e quase individual particularidade, de uma glorificação dramática da contingência sincronizada com o



Depois de uma vida inteira dedicada ao trabalho, Willy é despedido por velhice...



E, nesse instante, compreende ele toda a inutilidade de seu sacrifício e lealdade.

sentido da velocidade dominante na nova civilização americana. Contra o símbolo de Eugene O'Neill, os escritores modernos escolheram a crônica, talvez a crônica cotidiana, registrada com o olhar do jornalismo ou com aquele do gélido documentário cinematográfico. Os internos de Sidney Kingsley, em "Detective Story", são retratados imprecisamente, num estilo jornalístico; aqueles de Clifford Odets em "Levanta-te e Canta!", ao contrário, são objetivamente reproduzidos, num estilo cinematográfico.

Quanto à revisão, exercida no terreno moral, é acompanhada de uma obra de desintegração, que daquela aparece como necessária consequência e a manifestação mais propriamente técnica, no âmbito da linguagem teatral. A estrutura do drama em Eugene O'Neill é, apesar de tudo, profundamente unitária, como a sua inspiração moral. Também nas obras mais retalhadas e volumosas, os episódios se sucedem uns aos outros sobrepondo-se como as pedras de um edifício, segundo um desenho rigorosamente planejado. Dêste particular ponto de vista, Eugene O'Neill lembra Paul Claudel, o Claudel de "Le Soulier de Satin". Os escritores teatrais da nova geração americana têm atuado, entretanto, numa estrutura dramática descentralizada, que mais do que em seus fundamentos espirituais, quer dizer na sua orientação técnica, lembra singularmente as obras de Anton Checov. Como os dramas mais famosos do grande escritor russo são anotações dialogais de um diário lírico, assim muitas obras dos novos teatrólogos americanos são anotações dialogais de um diário destinado a fixar alguns momentos particularmente significativos da crônica de todos os dias. A unidade do drama, exaltada em Eugene O'Neill, é repelida, para dar lugar ao fragmento episódico.

Também a "MORTE DO CAIXEIRO VIAJANTE", peça de Arthur Miller, "mise-en-scène" de Luchino Visconti, apresentada no teatro Eliseo, de Roma, entra neste quadro geral. É uma obra dispersiva, cronística, inspirada na observação de uma realidade imediata e particular. O protagonista, Willy Loman, é um caixeiro viajante que por trinta anos trabalhou a serviço da mesma firma, sonhando com a riqueza. Na realidade, ele trilhou sempre a áspera estrada de uma decorosa indigência e pôde apenas conseguir adquirir,

a prestação, uma modesta casinha num bairro da periferia do Brooklyn. E para encontrar um equilíbrio interior, Willy o transfere aos filhos, Biff e Gio, todos os sonhos traídos pela experiência. Mas também eles se mostram ineptos e fadados ao fracasso.

Quando depois de trinta anos de vagabundagem pela província, é dispensado do emprego, porque a idade e o cansaço impedem-no de fazer bons negócios, o pobre Willy é exatamente como o limão espremido e posto fóra. Não tem dinheiro nem para pagar a última prestação da casa; deve aceitar o empréstimo de um parente complacente; nem ao menos pode ajudar seus filhos. Portanto, só um caminho resta ao caixeiro viajante: suicidar-se, para que seus herdeiros possam receber o prêmio de seguro e reconstruir a vida com o dinheiro recebido a preço de sangue. Sobre o panorama desolado desta história, contada através de uma sucessão de quadros desenhados cinematograficamente, com volta ao passado e com evasões da realidade rumo ao sonho, sobrepõe-se, imaculada, apenas a figura de Linda, a mulher de Willy, que, dominada por uma alucinação tranqüila e constante, vê no seu débil homem um pequeno herói injustamente derrotado.

A descentralização da representação dramática — que na comédia de Arthur Miller é acentuadíssima — não destroi a unidade lírica da obra só quando do complexo dos episódios narrados brotam, como nas obras primas de Checov, um clima unitário, isto é, quando os liames externos dos acontecimentos sejam substituídos por outros liames internos, frequentemente inadvertidos, mas nem por isto menos sólidos. Então os fragmentos se recompõem como num mosaico e, em seguida, se tornam momentos



No seu incomensurável desespero, nessa angústia que se sentir traído e sosinho, Willy volta-se para a fiel e incomparável Linda, buscando um porto seguro.



E o pano desceu sobre aquela apagada existência. E enquanto Linda evoca, amargurada, o pobre morto, os filhos preparam-se para caminhar o mesmo caminho do pai.

de uma pintura sem solução de continuidade. Na "Morte do Caixeiro Viajante", o fragmento permanece tal, porque a comédia é apenas crônica, isto é, registro de puros e simples episódios (aquele central, do suicídio, pode já se encontrar na recente peça de um escritor italiano, "Buon Viaggio, Paolo!", de Gaspare Cataldo, e o tema da morte como único meio de resgate econômico, no romance "Cristo fra i Muratori", de Pietro Di Donato); mas não possui um seu centro de gravidade lírica.

A história de Willy Loman é sem dúvida a de um pequeno burguês implacavelmente esmagado pela civilização capitalista americana; mas é também a história de um pai que procura fazer reviver nos filhos os próprios sonhos; é ainda a história de um homem que, circundado por um mundo hostil, age ele mesmo no amor de sua fiel companheira; e é, por fim, a história de um desajustado que, mesmo numa civilização diferente, terminaria esmagado pela sua incapacidade. Qual desta história domina e confere unidade à sua dispersa complexidade? Na realidade, nenhuma. No curso da obra, todas por um momento aparecem num primeiro plano e não porque o seu fugaz relêvo deva assumir uma função perspectiva na pintura do drama, mas apenas porque o escritor, vencido pela urgência da matéria tratada,



ARTUR MULLER, o consagrado autor de "A Morte do Caixeiro Viajante", com esta peça conquistou um dos primeiros lugares entre os maiores escritores teatrais modernos nos Estados Unidos.



Olhos que espelham o desespero de uma alma triturada pelo fracasso. Trinta anos de incansáveis serviços e a demissão por recompensa. A expressão de Willy reflete mais surpresa do que revolta.



Linda, na sua idolatria pelo esposo, julga-o vítima de tremenda injustiça de maus indivíduos. E tenta encorajá-lo e confortá-lo com palavras e gestos.



O desespero de Willy atinge o climax quando verifica o fracasso dos filhos.



A vida de Willy torna-se um pesadelo. Linda, carinhosamente, tenta consolá-lo.

não soube fixá-la nos seus justos limites. A intenção de Miller é, evidentemente, social, e encontrou um perfeito reflexo no cenário de Gianni Polidori, onde a casa de Willy Loman, fragilmente desenhada, aparece sufocada pela selva dos arranha-céus. Mas os monumentos mais persuasivos da pena são aqueles nos quais o pai se atormenta para que todas as suas esperanças revivam nos filhos, que ele vê crescidos e fortes, como ele desejava ser e como não foi...

É difícil estabelecer qual possa ser a melhor tradução cênica de uma obra assim dispersiva e ambígua. Para uma obra como aquela mais bem lograda de

Checov, na qual a descentralização exterior se coloca ao lado de uma férrea unidade interior, o problema é sem dúvida, árduo, mas claro na sua impostação; o espetáculo deve restituir esta unidade lírica da obra, apresentado qualquer fragmento, qualquer episódio, na clareza que dela deriva. Mas quando a unidade interior é inexistente na obra, pode ser reconstruída pelo espetáculo? Não acreditamos possível. O espetáculo tem sempre o seu limite insuperável na qualidade da obra representada. E se os diretores quiserem levar em conta este aspecto, saberão que uma obra poéticamente falida, só pode dar um espetáculo falido.

UM SUCESSO TEATRAL

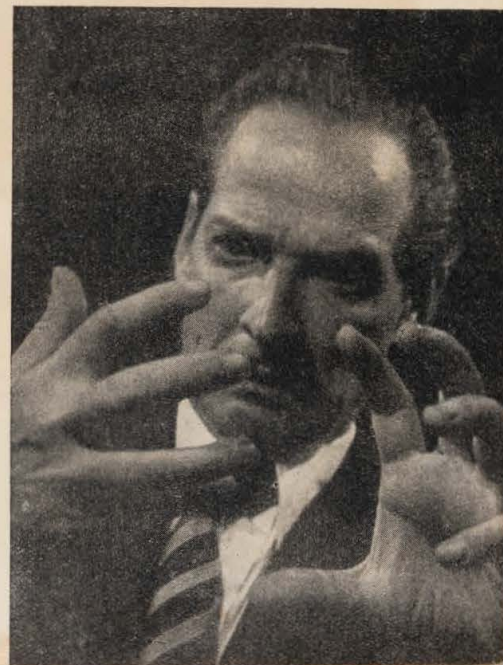


RODOLFO MAYER APLAUDIDO EM "AS MÃOS DE EURIDICE"

Texto e interpretação se conjugam para exaltar uma obra de arte, acentuando as suas características dramáticas

Rodolfo Mayer é um nome que São Paulo conhece. Filho do Planalto, aqui engatinhou ele seus começos artísticos e aqui deu-nos algumas de suas boas criações. Depois Rodolfo Mayer deixou São Paulo, foi para o Rio e lá sua vida artística foi crescendo, crescendo, até atingir a plena maturidade. Hoje, de volta a São Paulo, esse moço inteligente, sensível, ator consciente e correto, dá-nos um grande espetáculo. E para a curiosidade sempre ávida dos paulistas, apresenta um novo autor, Pedro Bloch, que está revolucionando as ribaltas nacionais. E se porventura o leitor duvida, que procure conhecer "AS MÃOS DE EURIDICE", vivida magistralmente por Rodolfo Mayer, no pequeno auditório do Cultura Artística. A peça de Pedro Bloch, um autor dramático de grande textura e de grande envergadura, caracteriza-se por duas inovações; primeiro, não é bem uma inovação, é o fato de apresentar em cena um só personagem; e depois, o fato desse personagem entrar em contacto com a platéia, fazendo os espectadores tomar parte direta em todo o drama que está se desenrolando no palco. E é dessa maneira que assistimos a um fato inteiramente inédito nos teatros de São Paulo — o Público debatendo com "Gumercindo Tavares", personagem que Rodolfo Mayer vive com absoluta convicção, os dramáticos acontecimentos em torno dos quais decorre toda a ação de "As Mãos de Euridice".

"Foco" apresenta quatro momentos da criação artística máxima de Rodolfo Mayer, criação que lhe valeu o galardão de "o melhor ator dramático de 1950."



UMA NOVA ESCOLA DE BALÉ NAS PLAGAS DE PIRATINGA

LAURA MORÉT, GRANDE BAILARINA CLASSICA E PLASTICA
UM POUCO DE HISTÓRIA — AMIGA DOS SAKHAROFF — "TELEVISÃO BALÉ"

Laura Morét, bailarina de renome mundial, procedente dos maiores centros artísticos, fixou residência em S. Paulo. A companheira de Sakharoff, que se especializou em bailados plásticos, fundou uma escola de balé em nossa capital, que se encontra atualmente em pleno funcionamento. Dotada de grande sensibilidade, gosto artístico apurado e uma capacidade de trabalho verdadeiramente notáveis, em pouco tempo conseguiu Laura Morét uma posição de vanguarda em nossos meios.

Nascida em Milão, Laura fez seus estudos em Zagreb, iniciando sua vida artística aos dezessete anos. Viajou pela Polónia, onde permaneceu alguns anos, transferindo-se, em seguida, para Berlim. Nessa época de sua vida, Laura Morét, que então ainda não havia

escolhido a carreira de bailarina plástica, ingressou no curso de Maria Wigham, a maior figura nesse gênero de dança.

Até 1945, Laura permaneceu na Alemanha. A seguir, voltou a Milão.

Depois de haver percorrido seu país, Laura Morét resolveu embarcar rumo à Argentina, onde conseguiu excelente contrato. Na capital portenha uniu-se a Alexandre Sakharoff e sua esposa.

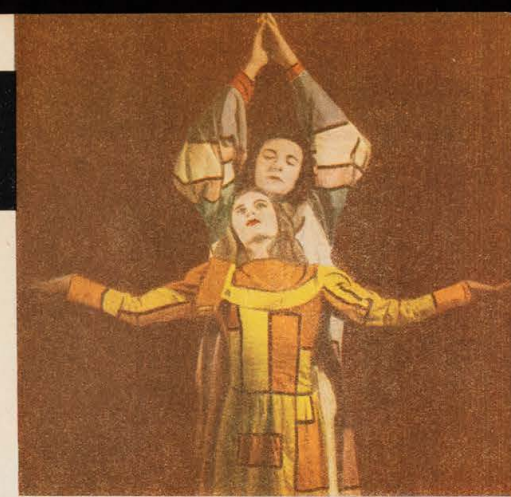
Entre os principais balés de Laura Morét apresentados na Argentina, destacam-se "Salomé", coreografia de Leonidov e música de Pedrollo; "A Morte do Adolescente", cenografia de Alicia e Emilia Rabuffetti, música orquestrada por Alfredo Satell, sobre motivos de danças e cantares da Espanha do século XII, e cantigas recolhidas por Alfonso X, o Sábio. Outro espetáculo que proporcionou grande êxito a Laura Morét foi, sem dúvida, "O Balé das Ingratas", espetáculo excepcional, no dizer do grande crítico Emery, e no qual a música é toda executada com instrumentos antigos.

A crítica italiana tem se referido a Laura Morét, com entusiasmo, e quando a jovem bailarina partiu para Buenos Aires, Carlos Stenla, um dos conceituados jornalistas especializados, escrevia: "A Itália perde aquela que nós consideramos uma das pouquíssimas artistas que possuem um verdadeiro significado no mundo da dança Européia."

Apesar de sua situação em Buenos Aires ser das mais folgadas, Laura Morét, curiosa de conhecer nosso país, resolveu tentar a sorte. Veio ao Brasil e procurou S. Paulo. Deu espetáculos no Teatro Brasileiro de Comédia. Depois visitou Santos e Campinas.

Laura Morét confessa: "Estava disposta a deixar o Brasil, quando alguns amigos me mostraram a possibilidade do êxito de uma escola de balé. Foi por isso que resolvi ficar neste país e organizar a Escola de Balé Clássico e Plástico. Conto já com grande número de alunas entusiasmadas e dispostas aos maiores sacrifícios para conseguir aprender a nobre arte. O principal objetivo da escola de bailados é organizar dois grupos reduzidos, um plástico e outro clássico, a fim de poder exibirnos nos principais centros do país. Logo que obtiver este desejo, apresentar-me-ei nesta capital, em espetáculos alternados de dança plástica e dança clássica."

Ultimamente Laura Morét deu dois recitais, com êxito, no Municipal. Exibiu-se, também, na televisão, obtendo grande sucesso. Seu desejo é organizar o TELEVISÃO BALÉ, que deverá atuar na TV, uma vez por semana.



TENDÊNCIA

O RÁDIO tem uma coisa de bom. Está sempre em movimento. Numa busca constante. O radialista precisa ter idéias novas todos os dias. Um programa nunca pode ser igual ou parecido com o anterior, senão nas suas linhas gerais, na estrutura. A idéia, deve ser nova para prender o ouvinte. Isso ocasiona mudanças e originalidades que o jornal, por exemplo, não apresenta, embora este tenha, a seu favor, a novidade dos acontecimentos. Daí surgirem às vezes programas interessantes, dignos de ouvir. Quando a coisa passa dos programas para uma tendência a que os programadores seguem, e essa tendência é nova e original, então surge algo de novo. É o que está acontecendo com a programação da meia noite. Antigamente as emissoras tocavam tango argentino ou boleros nessa hora, no intuito de agradar o ouvinte boêmio. Agora, porém, estão valorizando esse horário. Começou com o famoso "Mid Night", da Cultura, programa de "fox sweet" onde o locutor só fala depois de 4 números musicais. Veio depois o "Musica à Meia Luz" da Excelsior, e agora é a Bandeirantes e a Piratininga que organizam, nesse horário, dois excelentes programas de música fina, romântica, bastante bons. Ouvimos o da Piratininga numa noite destas.

Essa tendência é excelente. Um só anunciante e pouca fala do locutor, depois de três ou quatro números musicais. Qualquer dos anunciantes desses programas tem mais proveito com eles do que mandando gritar os seus produtos em todos os intervalos musicais. Nunca nos interessou comprar lonas e cortinas Copacabana, ou de outra marca qualquer; entretanto temos grande simpatia por esse produto, que é anunciado no "Mid Night". Isso porque ouvimos um bom programa que anuncia o artigo.

O rádio paulistano nos domingos de manhã, é provinciano e insuportável. Os diretores de emissoras esquecem que o domingo é o único dia que os atribulados chefes de família têm para ficar em casa descansando, lendo os jornais e ouvindo rádio. Os adolescentes entusiasmados têm mais tempo do que o chefe da família; no entanto, o rádio de domingo de manhã é feito para esse público barulhento e de pouco juízo. Basta dois ou três exemplos. A "Hora Lusa" que a Rádio Cultura (a mesma emissora do "Mid Night") apresenta é de indispor qualquer cristão. É toda ela cheia de músicas interpretadas por amadores, com oferecimentos "à minha querida avózinha", "à dileta senhora Fulana" e a minha "idolatrada mãezinha". "Os Alegres Sertanejos" da Bandeirantes, idem,

acrescido da falta de traquejo e de voz dos "sertanejos" que fazem eles mesmos o trabalho de locução. Até o "Relojinho" da S. Paulo, feito com a criançada é mais agradável do que os programas citados. Mas o fenômeno é observado em quase todas as emissoras. Provincianismo puro.

Os diretores de programação deviam cuidar mais dos programas do domingo de manhã. Nenhum adulto de bom gosto permanece com o rádio ligado, para ouvir gritaria e oferecimentos de rádio

de provincia. A tendência que a programação está tomando à noite é digna de nota. Os anunciantes também devem se ater ao fato. Se as emissoras conseguissem firmas que patrocinassem programas de meia hora, permitindo que o locutor falasse em seus produtos de cinco em cinco minutos o rádio daria um salto imenso. É uma questão de trabalho, pois não há dúvida de que o aproveitamento do anunciante é muito maior. Não propriamente do anunciante momentâneo que anuncia durante uma quinzena para vender e depois se retira, mas o "business man" inteligente que anuncia sempre e gosta, ele próprio, de seus produtos.

CARLOS DE FREITAS

ESCRAVOS BRANCOS



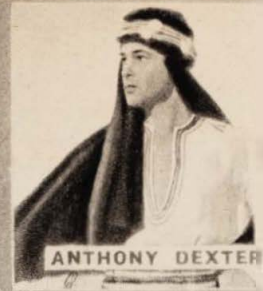
Encontramos o maestro Renato de Oliveira, num dos estúdios da Difusora, "trabalhando" ao piano. Trabalhando é o termo. Nas condições atuais do rádio, não se criam obras de arte. Trabalha-se na música, na ficção, na interpretação, para oferecer a um público indefinido e de gosto duvidoso, um volume de trabalho que depende menos da nossa vontade do que da vontade de terceiros, quartos e quintos... Arte em nosso rádio é acidente. Há um trabalho radiofônico e uma arte menor, com características próprias mas sem meio para a sua apresentação, dentro das imensas possibilidades do rádio. Apesar disso, porém, surgem às vezes trabalhos dignos de nota. No rol dos que produzem coisas apreciáveis está o maestro Renato de Oliveira, um moço de inspiração e talento. As partituras musicais do programa "Honra ao Mérito", de sua responsabilidade, apresentam às vezes características excepcionais.



THONY DEXTER
ELEANOR PARKER →



VALENTINO



RODOLFO VALENTINO E ANTHONY DEXTER SE ASSEMELHAM TANTO COMO DUAS GÔTAS D'ÁGUA. PARA SE TER UMA IDÉIA DISSO, REPRODUZIMOS A FOTOGRAFIA DE AMBOS, EM "O FILHO DO CHEIQUE" NAS QUAIS NÃO SE NOTA DIFERENÇA.

REALIZAR uma película sobre Rodolfo Valentino foi sempre o sonho dos produtores de Hollywood. Quem se lembra do famoso "astro" do cinema silencioso, provavelmente um dos mais famosos de todos os tempos, poderá dizer o que representou Valentino para o cinema norte-americano. O conceito do "divismo" cristalizou-se com esse ator italiano, radicado em Hollywood e considerado um dos mais belos galãs cinematográficos de todos os tempos.



Thony Dexter, em "MONSIEUR BEUCAULRE", um dos grandes sucessos de Valentino.

A fortuna coube à Columbia e precisamente ao produtor E. Small, e surgiu num dos teatros da Broadway, durante a representação de uma peça de O'Neill. Small, que aquela noite não estava se sentindo bem, apenas o ator principal entrou em cena abriu os olhos causados, e cheio de espanto, imaginou encontrar-se diante de uma aparição. Aquele moço e Rodolfo Valentino eram como duas gotas d'água. Impossível que ninguém tivesse reparado nisso! Com a rapidez de certos homens de negócios, Small, depois do primeiro ato, dirigiu-se imediatamente ao "camarim" do ator, e convidou-o para filmar em Hollywood, mediante magnífico contrato. Tratava-se de Anthony Dexter, um moço que para chegar aos palcos tinha até lavado pratos, exatamente como fizera o homem com quem a natureza o tornara tão parecido.

Filho do rev. Walter Fleischmann, de Loveland, Colorado, Anthony havia terminado os estudos secundários e antes de ingressar na universidade, sentindo-se atraído pelo teatro, ingressou, à própria custa, na Academia de Arte Dramática de Iowa, onde tomou lições de canto e dança.

Small, portanto, levou Anthony Dexter para Hollywood e desde esse dia, consciente de sua responsabilidade, o moço começou a viver o seu personagem. E somente voltaria a ser ele próprio, um minuto depois de haver cessado de ser "o outro". Não importava se "o outro" havia nascido na pequena cidade de Castellanetta, Puglia, na ensolarada Itália, e se havia falado outra língua; existiam artificios e gente experimentada pronta a transformá-lo no "outro"; e, principalmente, inúmeros filmes para documentar aquela personalidade. Anthony estudou o seu "sósia" como se estuda nas escolas a vida das grandes figuras, adotando seus hábitos e usando suas roupas; assim, começaria com a camisa de malha de "gigólô", do filme

"Os quatro cavaleiros do Apocalipse", para dançar aquele tango argentino que foi um drama de paixão e de brutal domínio amoroso, assinalando o princípio da celebridade do seu modelo. Depois, teria colocado sobre o corpo, exatamente como "o outro", as esmeradas calças e o garboso paletó do toureiro de "Sangue e Arcia", entusiasmando de novo não só as já exaltadas "Carmencitas" mas também aquelas menos entusiasmadas, espalhadas por toda a terra. Com o tur-



Valentino ou Dexter? Dexter, vivendo, na tela a personalidade de Valentino.



Thony Dexter vive, em "Valentino", todos os papeis representados por Rodolfo Valentino. Na fotografia acima, Dexter numa cena do filme "Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse" a obra cinematográfica que significou um êxito do inesquecível ator.

bante em volta da cabeça e o rosto pálido, vivera a fascinante aventura do "Cheique", e com a peruca branca e o luxuoso costume da época, foi o romântico "Monsieur Beaucaire". E esta sugestiva evocação faria reviver os mais belos dias da nossa longínqua juventude, e a nova geração teria exclamado, com entusiasmo: "nossas mães tinham razão!..."

E tudo isto aconteceu! Anthony Dexter, nascido em Loveland, no Colorado, depois de três anos de preparo, faz reviver num sonho breve e maravilhoso, o Rodolfo Valentino de Castellaneta, de Puglia, desde o dia de seu embarque em Nápoles, na Companhia de Bailarinos de Maria Torres até o de sua prematura morte. Bailarino perfeito, amante ardente, figura vibrante e refinada, nada faltou a Anthony Dexter do fascínio do personagem que interpreta, e a belíssima Eleanor Parker e Patricia Medina amaram-no como Joan Carlisle e Lila Reves amaram Rodolfo Valentino.

Os tempos de Rodolfo Valentino, infelizmente, não voltarão mais, mas o entusiasmo que sua personalidade provocou se renovou na América, com a evocação de sua existência.

No próximo ano a emoção daqueles

dias será dado por Thony Dexter, que nascido em Colorado, viverá a figura flamejante de Rodolfo Valentino, nascido em Castellaneta, de Puglia, e considerando o "maior amante" que o cinema já possuiu.



O protagonista feminino de "Valentino" é Eleanor Parker que aparece no filme usando os mesmos costumes usados por Vilma Banky no filme "O Filho do Cheique".

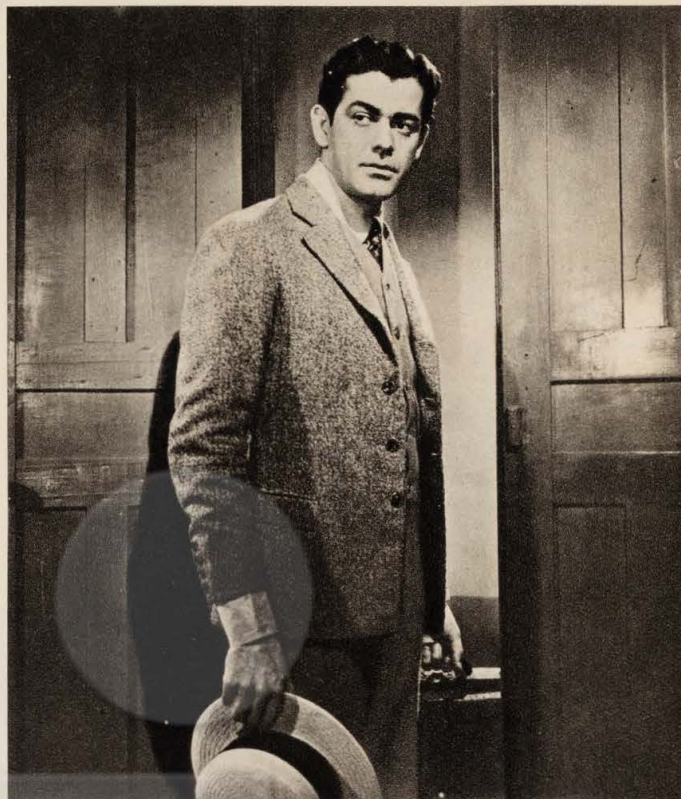
A MARCHA DA SÊTIMA ARTE NO BRASIL

O CINEMA ENCONTRA SEU CAMINHO RUMO À INDUSTRIALIZAÇÃO

Uma nova produtora — LOTUS FILMES LTDA. — “Alameda da Saudade, 113”, evocação de um episódio romântico — Novas produções da Vera Cruz — “Angela”, uma história de jogadores e de susperstições — Anselmo Duarte vive na tela a figura sentimental do compositor Zequinha de Abreu — “O Comprador de Fazendas”, um conto de Monteiro Lobato — Programas que são promessas e promessas que são uma segurança de confiança nos destinos do cinema brasileiro.

O CINEMA nacional venceu a sua primeira grande etapa, rumo à industrialização. Arte que é indústria e indústria que só se faz com grande dinheiro, o cinema nunca poderia se tornar fator de decisiva importância na nossa vida econômica e cultural se não contasse com o apóio dos homens endinheirados. Por isso, um passo de indiscutível importância nos destinos de nosso cinema era esse de reconquistar a confiança que havíamos perdido nas nossas possibilidades. A desconfiança foi uma consequência da falta de escrúpulos de grande maioria de aventureiros que, no início da nossa produção, tentou todos os golpes e manobras para ganhar uns poucos de cruzeiros.

E por isso, como é óbvio de se compreender, arrastou o cinema nacional à beira de um abismo. De tudo, porém, o maior mal foi esse de arrasar a confiança, a parca confiança que uns poucos homens de negócio depositavam na produção cinematográfica indígena. A consequência foi



Anselmo Duarte, o grande galã do cinema nacional numa cena da próxima produção dos estúdios da Vera Cruz, “TICO TICO NO FUBÁ”.



Tonia Carreira a intérprete brasileira como aparece no filme que põe na tela a vida sentimental de Zequinha de Abreu.



Marisa Prado e Francisco Sá, crítico teatral, duas figuras de relêvo na nova película nacional dirigida por Adolfo Celi.



Uma das seqüências mais dramáticas do novo filme de Celi, "TICO TICO NO FUBÁ"; Zequinha de Abreu (Anselmo Duarte) inspirado pela lembrança de Branca (Tonia Carrero), compõe uma de suas mais evocativas e melodiosas composições.

gravíssima e durante muito tempo lutamos não só contra a deficiência de meios técnicos, de material humano e de dirigentes, mas, e principalmente, da falta de dinheiro para o custeio de películas. Contudo, um punhado de abnegados, compreendendo a importância de um cinema próprio, não teve dúvida em abandonar tudo e se dedicar somente à realização de películas brasileiras. Os resultados foram excelentes e estão se refletindo na nossa pobre economia. Essa política de prudente e cuidadosa produção, abriu caminho ao aparecimento de estúdios de amplitude continental, internacional mesmo, estúdios que começaram a trabalhar firmemente e que, apesar de tôdas as dificuldades, vencendo impecilhos de tôda a natureza, conseguiram resultados positivos poucos meses depois de suas atividades. Isto aconteceu com a Vera Cruz, que nos deu "Caiçara", seguida de "Terra é sempre Terra", e promete, para breve, "Angela", além de "Tico Tico no Fubá", em plena filmagem; com a Cinematográfica Maristela, que já apresentou "Presença de Anita" e promete "Suzana e o Presidente" e "O Comprador de Fazendas". Mas os resultados não se fizeram sentir apenas nesse terreno. Possibilitou, encorajou o aparecimento de novos estúdios, como, por exemplo, a Lotus Filmes, que pretende apresentar, em breve, "Alameda da Saudade, 113", uma película dirigida por Carlos Ortiz, com Sonia Coelho e Rubens de Queiroz, nos principais papéis.

Neste rápido apanhado de contas, podemos verificar que temos a nosso crédito um resultado surpreendente e promissor, resul-



O cinema nacional, paulatinamente, ganha prestígio. A gravura mostra d.^a Nair Lopes, da alta sociedade riograndense, que tem em "Angela", destacado papel.

tado que por certo fortalecerá essa confiança e essa fé nos destinos do nosso cinema, confiança e fé de que tanto necessitamos.

"TICO TICO NO FUBÁ"

"Tico Tico no Fubá" está sendo rodada nos estúdios da Vera Cruz, em S. Bernardo do Campo. O argumento gira em torno da vida de Zequinha de Abreu, o popular compositor da melodia que dá título ao filme, e conta com Anselmo Duarte, no papel central, secundado por Tonia Carrero, que viverá a figura sentimental de Branca, a mulher a quem o compositor dedicou uma das mais belas valsas de seu repertório. A direção do filme está a cargo de Adolfo Celli, que trabalhou na sua cenarização, auxiliado por Osvaldo Sampaio, um dos homens mais capazes do nosso cinema. Além de Anselmo Duarte e Tonia Carrero, o "cast" de "Tico Tico no Fubá" conta com artistas de prestígio no cinema e no teatro nacional, tais como Marisa Prado, Marina Freire, Ziembinski, Modesto de Souza, etc. Aldo Calvo é o responsável pela cenografia e Radamés Gnatalli pela música.



Abílio Pereira de Almeida, outro destacado ator do cinema nacional, vem obtendo nos filmes da Vera Cruz, grande prestígio. Ei-lo numa enquadração de "Angela".



Eliane Lage, protagonista de "Angela" numa cena bastante dramática do filme.

A sobriedade e o bom gosto caracterizam o primeiro filme de Ortiz, "Alameda da Saudade, 113". Esta trama de amor, entre Rubens e Sonia, revela grande delicadeza e equilíbrio.

"ANGELA", HISTORIA DE JOGADORES E DE SUPERSTIÇÕES

A terceira película da Vera Cruz, cuja exibição provavelmente estará sendo feita quando este número estiver circulando, é "Angela", baseada num conto de Hoffman, dirigida e produzida por Tom Payne com a colaboração de Abílio Pereira de Almeida.

A principal atração do filme, é, sem dúvida, a volta de Eliane Lage ao "estrelato". A Marina de "Caiçara" tornou-se uma das figuras de grande destaque na cinematografia nacional. Conquistou o público e a crítica, tendo sido considerada a "melhor atriz do



Vera Nunes e Orlando Vilar, o par mais romântico da tela nacional, protagonizam esta nova história no filme da Maristela.



ano", pelos membros da Associação Brasileira de Críticos Cinematográficos.

"Angela" traz para a tela um grande elenco. Além de Eliane Lage, estão no filme: Alberto Ruschel, Mário Sérgio, Luciano Salce, Abílio Pereira de Almeida, Inesita Barroso, Nair Lopes, Maria Clara Machado (filha do escritor Anibal Machado, que se encarregou da revisão dos diálogos), Ruth de Souza e muitos outros.

"Angela" é a história de um inveterado jogador, Dinarte (Alberto Ruschel), que recebe em pagamento de dívida, um velho solar e apaixona-se pela sua herdeira, Angela (Eliane Lage). Casam-se e vivem felizes algum tempo.

Mas a tentação do jôgo é mais forte. Dinarte não resiste e volta ao antigo vício. Angela sente-se infeliz e concentra em Nora, sua filha, tôda a afeição que votava ao marido. Em linhas gerais, o drama da história baseia-se nessa síntese. É a luta de uma mulher que vê o marido arrastado para o vício, atraído por qualquer espécie de jôgo.

Grande parte do filme foi rodado nos pampas gauchos e em ambientes de grande luxo. Depois de "Caçara", que teve por cenário o litoral depois de "Terra é sempre Terra", que teve todo o seu transcurso numa fazenda de café, os estúdios de S. Bernardo apresentam o seu primeiro filme num ambiente rico e luxuoso, com as maiores montagens já realizadas no cinema nacional.

"ALAMEDA DA SAUDADE, 113"

Outra película nacional que surge com características de um filme bem feito é, sem dúvida, "Alameda da Saudade, 113", primeira produção da Lotus Filmes Ltda. — A história de "Alameda da Saudade, 113", baseia-se na famosa "lenda da capa", uma das joias do folclore santista, cuja adaptação cinematográfica esteve a cargo de Carlos Ortiz. A ação do filme se desenrola em Santos e São Paulo e em resumo trata do famoso "caso" de um rapaz que numa festa popular conhece uma linda e misteriosa jovem, de quem se enamora apaixonadamente. Mais tarde o moço vem a saber que ela havia morrido há anos.

Noventa por cento das cenas do filme foram tomadas em exteriores, em Santos e São Paulo. Focaliza inúmeras e interessantes cenas de rua nessas cidades, apanhando gente do povo e tipos característicos, que dão ao filme um colorido vivo e real.

Sonia Coelho e Rubens de Queiroz encabeçam o elenco desta primeira produção da Lotus Filmes. Estas duas autênticas revelações foram descobertas por Carlos Ortiz. A escritora Maria de Lourdes Lebert, Conceição Andrade, atriz de teatro, e o próprio Carlos Ortiz, diretor do filme, desempenham papéis de destaque no filme. Sonia Coelho, a principal intérprete de "Alameda da Saudade, 113"



Rubens de Queiroz é, também, uma descoberta de Carlos Ortiz, que o apresenta no cinema protagonizando "Alameda da Saudade, 113" filme que narra uma bela lenda santista.



Chico Sá, que conheceu Zequinha de Abreu, nos primórdios de sua vida, também participa de "Tico Tico no Fubá", num papel de grande significação.

praticou ballet, tendo integrado por mais de um ano o Corpo de Bailado do Municipal, de São Paulo, então dirigido por Maria Olenewa. Conhece música e é dotada de excelente voz. Rubens Queiroz, que aparece como "galã", tem grandes possibilidades no cinema, além de haver se revelado um estudioso das coisas da sétima arte. Quanto à equipe técnica, pertence ela à Distribuidora Cinematográfica Bandeirantes, merecendo destaque, porém, George Tamarski, conhecedor de sua especialidade e portador de grande experiência dos estúdios checoslovacos e alemães. Os trabalhos de assistência, continuidade, corte e montagem esti-

veram sob a supervisão de Bráulio Pedroso e Raimundo Victor Duprat.

Finalmente, algumas palavras sobre Carlos Ortiz, diretor do filme. Bastante conhecido entre nós, Carlos Ortiz vinha se ocupando, de preferência, da crítica cinematográfica, na "Folha da Manhã". Professor de filosofia e



Vilar firmou prestígio com "Presença de Anita". Em "Suzana e o Presidente" fortalece o conceito com uma feliz "performance".

literatura, autor de vários livros, entre os quais "Cartilha de Cinema" e "História Breve do Cinema", domina, ainda, cerca de dez idiomas. Grande realizador, Ortiz fundou cerca de vinte cine-clubes em todo o Estado de São Paulo, criou e dirige o Seminário do Cinema do Museu de Arte, que caminha a passos largos para a futura Faculdade de Cinema de São Paulo. Recentemente foi contratado pela Cinematográfica Maristela como cenarista e diretor. Ortiz é, também presidente da Associação Paulista de Cinema, entidade recentemente criada nesta Capital.



“Não se incomode, não. A outra vez é pior”, diz Arrelia, ao velhinho de “Suzana e o Presidente”. — “Tem paciência — retruca o velho”, mais isso é coisa que não se faz”.



Carlos Ortiz, catedrático de filosofia, crítico de cinema, escritor e que aparece como diretor em “Alameda da Saudade, 113”.

“SUZANA E O PRESIDENTE”, A SEGUNDA PRODUÇÃO DA MARISTELA

“Suzana e o Presidente”, segunda produção da Maristela, rodada nos estúdios de Jaçanã, contou com a direção de Ruggero Jacobbi, responsável pela “A Presença de Anita”. Autor de cenários e diálogos de mais de quarenta filmes, assistente de diversos diretores italianos, autor de uma história do cinema, premiada pela Universidade de Roma, Ruggero Jacobbi, com este segundo filme consolida sua posição, surgindo como um dos bons realizadores do cinema brasileiro. A história de “Suzana e o Presidente” gira em torno de uma jovem tímida, que desiludida do amor, vem para São Paulo, disposta a evitar as flechadas de Cupido. Só o trabalho a interessa... Mas, surge um milionário, e começam as complicações amorosas.

No elenco estão Vera Nunes e Orlando Vilar, ambos já conhecidos de nosso público: Arrelia e Leonidas, a quem o público conhece de sobra, além de outros destacados elementos do “cast” da Maristela. Na parte técnica “Suzana e o Presidente” contou com a participação de Alberto Attili, que já produziu “Cavalgadas de Heróis”

e a comédia “Assim até eu”, ambas no cinema italiano; Mario Pagés, diretor de fotografia; Juan Carlos Landini, “camera-man”; Jacques Lesgards, técnico de som, que exerceu idênticas funções no célebre filme “A Batalha dos Trilhos”, de René Clement; Luciano Gregory, cenógrafo, Oscar Juarez e Flavio Torres, na maquiagem.

“O COMPRADOR DE FAZENDAS”

“O Comprador de Fazendas”, terceira produção da Maristela, também rodada nos estúdios de Jaçanã, baseia-se no célebre conto homônimo de Monteiro Lobato, e é dirigida por Alberto Pieralisi, responsável por “Queri-

dinha Suzana”, película rodada há anos, com Anselmo Duarte no papel principal.

A importância de “O Comprador de Fazendas” está, primeiramente, no fato de ser um argumento nosso, com coisa nossa, pondo de manifesto, aspectos da psicologia de nossa gente. E depois, a sua estrutura cômico-dramática, que Monteiro Lobato, com aquela acuidade e realismo que caracterizou sua obra toda, soube imprimir ao conto.

Os principais atores de “O Comprador de Fazendas” são: Procópio Ferreira e Henriette Mourineau. Procópio é um nome que dispensa comentários. Artista dos mais bem dotados, conhecedor profundo de seu “metier”, conseguiu o nosso primeiro ator uma posição invejável, que transcendeu as fronteiras nacionais. Quanto a Henriette Mourineau, basta dizer que se trata da famosa atriz francesa, radicada em nosso país, conhecida apenas por Madame Mourineau, nome que ecoa nos meios artísticos e a quem devemos algumas das grandes peças do repertório mundial. Além de Procópio e Madame Mourineau, devemos mencionar Jaime Barcelos, o talentoso ator que vem do Teatro dos Estudantes.

Um fato digno de nota é que a fotografia de “O Comprador de Fazendas” esteve a cargo de Aldo Tonti, considerado um dos melhores “cameramen” do cinema italiano. Realmente, Tonti foi o fotógrafo de “O Bandido”, dirigido por Alberto Lattuada, e “O Brigante Musolino”, que obteve o prêmio da melhor fotografia, no Festival Cinematográfico há pouco realizado em Punta del Este, Uruguai.

LUIZ GONZAGA NA MARISTELA

— O popularíssimo rei do baião acaba de aderir ao cinema também. O criador de “Joaquim” assinou contrato com a Maristela para aparecer no filme “O COMPRADOR DE FAZENDAS”, uma livre adaptação do famoso conto de Monteiro Lobato. Luiz Gonzaga cantará dois números em primeiríssima audição,



Ana apareceu em “Presença de Anita”, no papel de esposa de Orlando Vilar, e abafou. Volta ela, em “Suzana e o Presidente”, num desempenho de responsabilidade



Esta é a encantadora Sonia Coelho, a principal intérprete do filme da "Lotus", uma feliz descoberta desse dinâmico diretor que é Carlos Ortiz, professor e crítico.

nêsse filme. Os dois números que êle cantarà, foram compostos por êle mesmo, em parceria com o outro notável "BAIONISTA", que é Hervé Cordovil.

JACQUES DEZELINS COMEÇOU A TRABALHAR

Depois de sua lua-de-mel, na cidade maravilhosa, o "camera-man" Jacques Dezelines, recente aquisição da Maristela, voltou ao trabalho. Como se sabe êle foi o autor junto com outros da fotografia de "Caiçara". Na Maristela Jacques iniciou um documentário sôbre a nova produtora, a fim de que se possa mostrar ao público como se faz um filme e em que pé se encontra a nossa nova e progressista cinematografia.

ALEX VIANY JÁ ENTREGOU O ROTEIRO DEFINITIVO DE "A ÚLTIMA NOITE"

Alex Viany — é o autor de uma das próximas produções da Maristela, que se intitula "A ÚLTIMA NOITE". Alex Viany, que é muito exigente, depois de haver concluído a história, pediu ao departamento de produção um novo prazo para rever inteiramente a sua enquadração. Agora já foi entregue o roteiro definitivo e iniciados os trabalhos de produção.

OPORTUNIDADE PARA GENTE NOVA

A Cinematográfica Maristela está aproveitando ao máximo a nossa gente de cinema. Já tendo contratado elementos de destaque do mundo cinematográfico indígena como Alex Viany, Carlos Ortiz, como cenaristas; Francisco Balduino, André Osser, Alexandre Mota, como assistentes de cenografia e tantos outros, acaba de concluir um acôrdo com o Museu de



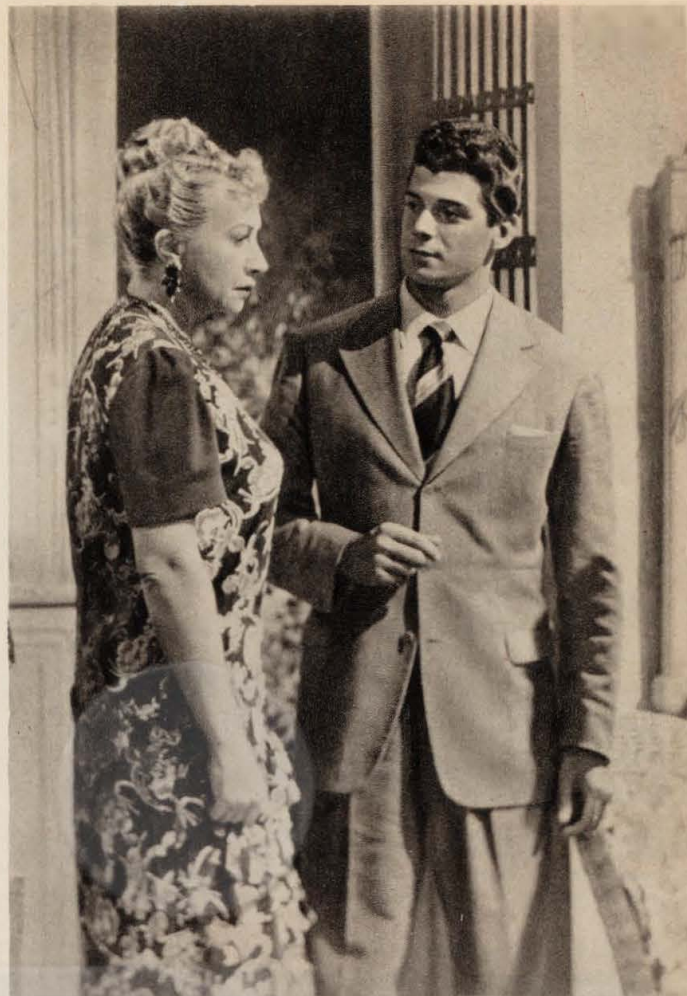
Vera Nunes e Orlando Vilar, o par mais romântico da tela nacional, protagonizam esta nova história no filme da Maristela.

"Suzana e o Presidente", a nova produção da Maristela apresenta, entre outras coisas, êste grupo de lindas e provocantes "girls".





Margot Bittencourt e Jaime Barcelos vivem, no filme de Perialisi rodado nos estúdios de Jaçanã, os dois filhos de madame Morineau.



Madame Morineau e Helio Santos, a "mãe" e o "galã" do filme "O comprador de Fazendas", argumento tirado de um conto de Lobato.

Arte para que os alunos do Seminário de Cinema, daquela instituição, façam estágios remunerados nos seus estúdios, a fim de que possam praticar e mostrar o que aprenderam nas aulas teóricas. Assim vão se formando os novos elementos para o novo e entusiasta cinema brasileiro.

LEONIDAS, SUCESSO NA EUROPA E NO CINEMA

O conhecido player do nosso futebol que a Europa exigiu fosse integrado no quadro São Paulo-Bangú, fez um enorme sucesso com suas atuações na Europa. Sucesso também Leonidas fará, sem sombra de dúvida, na sua primeira aparição cinematográfica em "SUZANA E O PRESIDENTE". O notável "diamante negro" que tem um contrato de exclusividade com a produtora de "PRESENÇA DE ANITA" em "SUZANA E O PRESIDENTE" tem oportunidade de mostrar como se faz uma bicicleta...

LUCIANO GREGORY TOMOU BANHO...

de frásque e cartóla, em grande estilo, no filme "SUZANA E O PRESIDENTE" que a Maristela vem de terminar em seus estúdios. O gozado barbicha que faz o papel de chefe do pessoal, no filme é perseguido por um grupo de moças e é por elas atirado numa piscina... Não é preciso dizer-se que se existe alguém dando grandes espirros nos estúdios do Jaçanã esse alguém é Luciano Gregory. No elenco



"A coisa é assim..." — e Alberto Perialisi, diretor de "O Comprador de Fazendas" explica a Madame Morineau, uma das principais intérpretes, uma cena da película.

de "SUZANA E O PRESIDENTE" estão ainda Orlando Villar e Vera Nunes. A direção é de Ruggero Jacobbi.

JACKSON DE SOUZA NA MARISTELA

O popular Jackson de Souza que abafou no filme "Perdida Pela Paixão" e depois em "Cascalho", entrou para o primeiro time da Maristela, pois acaba de assinar um contrato de exclusividade com a produtora de "PRESENÇA DE ANITA". Jackson de Souza já entrou em atividade criando um gozadíssimo gago em "O COMPRADOR DE FAZENDAS", uma livre adaptação do famoso conto de Monteiro Lobato, que Alberto Pieralisi está dirigindo.

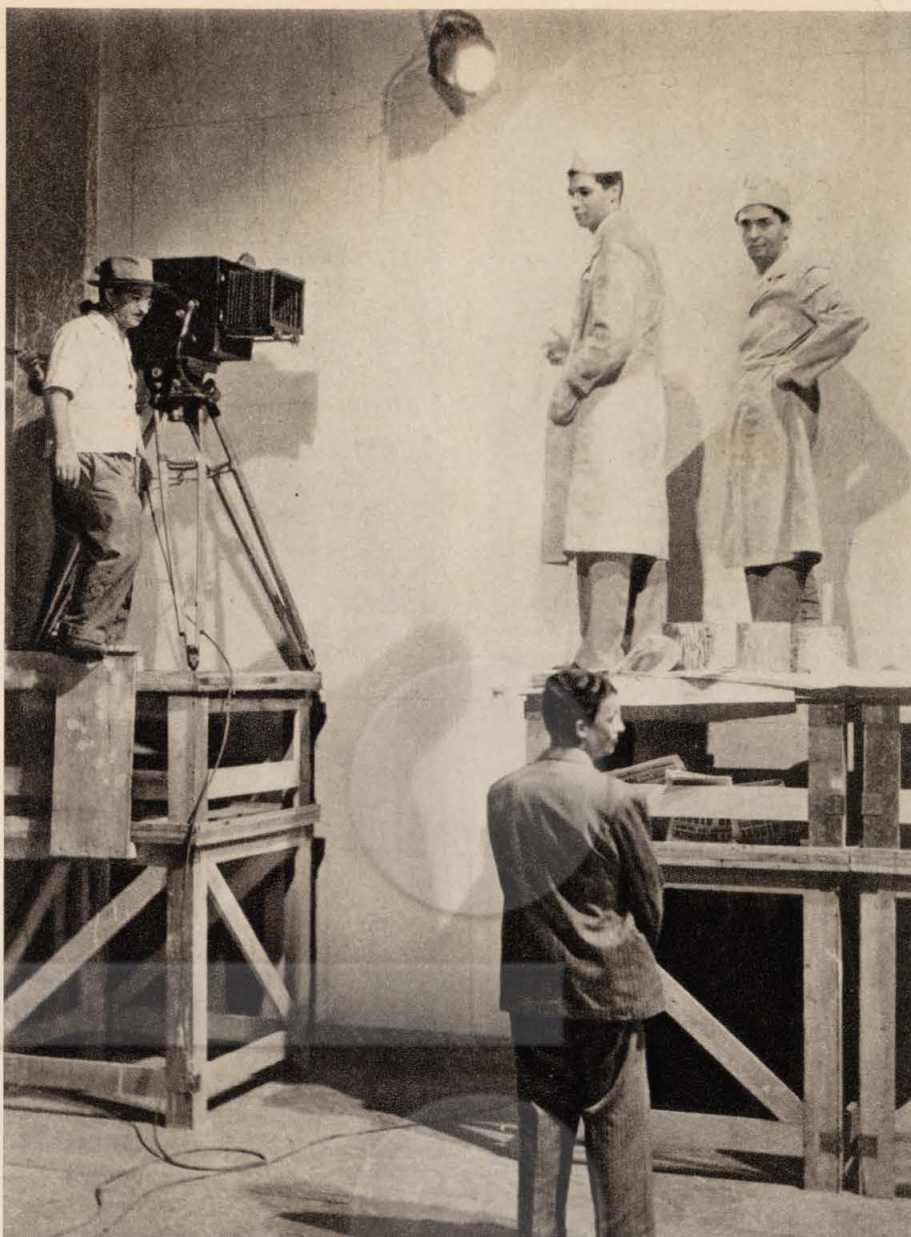
— ESTÁ PRONTA A "VILA TICO-TICO" — A maior atração dos estúdios de S. Bernardo, no momento é a "Vila Tico-Tico", como apelidaram os grandes cenários exteriores do filme que está sendo produzido por Fernando de Barros e Adolfo Celi. Para filmar a vida de Zéquinha de Abreu, a Vera Cruz se viu na contingência de reconstruir uma cidade do interior do Estado de São Paulo, como ela era em 1912. São os maiores cenários exteriores jamais erguidos no Brasil, compreendendo as ruas principais da cidade, uma igreja, edifícios públicos, o jardim e até um circo. Tudo em escala natural, cobrindo extensa área. O trabalho foi dirigido por Aldo Calvo, um nome de grande prestígio no teatro e no cinema europeus.

UMA FILHA DO ESCRITOR ANIBAL MACHADO NO CINEMA NACIONAL — Maria Clara Machado, filha do escritor Anibal Machado, faz sua estréia no cinema nacional, com um simpático papel em "Ângela", próxima produção da Vera Cruz. Maria Clara estudou arte dramática em Paris, no curso mantido sob direção de Jean Louis Barrault.

"SAI DA FRENTE" — Tom Payne e Abílio P. Almeida escreveram o argumento de "Sai da frente", que vão dirigir e produzir na Vera Cruz. É a primeira comédia feita nos estúdios de São Bernardo e deverá ter as primeiras cenas filmadas nos primeiros dias de Junho.

— MARIA DELLA COSTA NA VERA-CRUZ — A última aquisição da Vera-Cruz, que já tem em seu elenco, as "estrelas" Eliane Lage, Marisa Prado, Tonia Carrero e Cacilda Becker, é Maria Della Costa, também um nome consagrado no teatro e no cinema nacionais, onde apareceu como principal figura do "Teatro Popular de Arte" e do film "Caminho do Sul". Maria Della Costa também atuará no Teatro Brasileiro de Comédia.

— "CAIÇARA" NO EXTERIOR — Os distribuidores internacionais de "Caiçara", a Universal-International, ficaram animados com o êxito do primeiro filme da Vera Cruz nos Festivais de Punta del Este e Cannes. Acredita-se que dentro em breve o filme poderá ser exibido nos circuitos comerciais do exterior. Estão sendo preparadas as cópias para exibição na Alemanha e Áustria. No México, ativam-se os trabalhos de dobragem para o castelhano da versão que será oferecida à América Latina. Também já estão sendo traduzidos os diálogos para o italiano.



Aldo Tonti, fotógrafo da história de Monteiro Lobato, assiste à armação de um "set", nos estúdios de Jaçanã, para a filmagem de uma cena entre Procopio e Barcelos.

— LUCIANO SALCE NO RIO — Luciano Salce, que tem dirigido peças no Teatro Brasileiro de Comédia e tem um dos melhores papéis de "Ângela", será o diretor de "Escravo da Noite", o biográfico sobre Noel Rosa. Para estudar o ambiente onde se desenvolverá o filme, Salce partiu para o Rio, onde trabalhará em colaboração com David Nasser, o autor do argumento.

A VIUVA DE NOEL ROSA VISITOU A "VERA CRUZ" — Esteve em visita aos estúdios de São Bernardo, acompanhada por diretores da Vera Cruz, a senhora Lindaura Rosa, viuva do compositor Noel Rosa, cuja vida será filmada dentro em breve.

BELTRAN E VERGARA — José Maria Beltran, que venceu em Cannes no último festival, como melhor diretor de fotografia, e o câmara Vergara, são as duas últimas aquisições da equipe técnica da Vera Cruz. São os responsáveis pela fotografia de "Tico-Tico no Fubá" e entusiasmaram todos os dirigentes dos estúdios, com a rapidez e qualidade de serviços apresentados.

DE TÉCNICO PARA "ASTRO" — Alberto Ruschel foi um dos técnicos de som de "Terra é Sempre Terra". — O antigo elemento dos "Quitandinhas Serenaders", que fez um filme para a "Atlântida", ficou pouco tempo como integrante da equipe técnica dos estúdios de São Bernardo: foi escolhido para aparecer, ao lado de Eliane Lage em "Ângela".

MODESTO DE SOUZA, TAMBÉM NA VERA CRUZ — Mais um nome de prestígio no teatro e no cinema nacional foi incluído no elenco de "Tico-Tico no Fubá", que Fernando de Barros e Adolfo Celi estão produzindo para a "Vera Cruz": Modesto de Souza. Ele tem a sua melhor oportunidade no cinema nacional, neste filme da Vera Cruz.

FRANCISCO MIGNONE NOVAMENTE — "Caiçara" teve fundo musical de autoria de Francisco Mignone, o grande maestro brasileiro. Vindo de uma recente tournée pelo exterior, onde regeu as maiores orquestras da Europa, Mignone aceitou um novo convite da Vera Cruz. Também será dele o fundo musical de "Ângela", o próximo filme de Eliane Lage.

GENTE E COISAS DAS



Anita Greiss iniciou há pouco tempo no radio-teatro. Há dois meses que fez um test na Difusora. Aprovada com distinção, iniciou o trabalho como todas, encarregando-se de pequenos papéis. Sua estrêla, porem, começa a brilhar. E os ensaiadores já notam a presença de Anita. Dão a ela papéis maiores e a menina se sai às mil maravilhas.



A noticia estourou como uma bomba! Ecoou aqui em São Paulo e retumbou em todo o Brasil. Roubaram o violão de Dorival Caymi. "Aquele todo autografado, com que ele se acompanhava?" — perguntaram os seus admiradores. Sim, aquele mesmo. O pinho que o acompanhou desde o começo de sua carreira, na Baía. A coisa se deu no Rio de Janeiro há um mês e pouco e até o momento em que escrevemos esta nota, ainda não tinha sido solucionada. Ao sair da Rádio Nacional, Caymi foi tomar um oleozinho de ipiôca e deixou o pinho dentro do automovel. Então vai, um malandro passou por ali e levantou o precioso instrumento. Caymi quase chorou. O pinho era mesmo uma reliquia. Tinha mais de duzentos autografos de artistas de fama internacional, pintores, cantores, musicos, escritores e politicos, dos mais decentes do país. Há quem diga que quem roubou o pinho de Caymi foi Silvio Caldas e que o "caboclinho" quer apenas se divertir com seu amigo. Mas Silvio já disse que não foi ele. F. Caymi afirmou numa roda de amigos. "Será que foi o Silvio? Mas que brincadeira bôba!..."

A Rádio Tupy, a emissora do alto do Sumaré, tem grande número de excelentes programas. Todavia, um dos melhores, não só da Tupy, mas de tôdas as nossas emissoras, é êsse das terças-feiras "PRK-30", escrito e dirigido por Lauro Borges, com a colaboração de Castro Barbosa. É um programa de bom humor, cheio de coisas realmente engraçadas e que merece ser ouvido. Não se pense que Lauro Borges e Castro Barbosa apresentam apenas coisas para rir, pura e simplesmente. Nada disso. Há certo conteúdo crítico, bastante sutil, é verdade, que merece ser meditado.



Talula Mayo, locutora da Excelsior está apresentando progressos em sua locução, ultimamente. "Mas ainda não está como eu quero...", diria Lauro Borges, o da PRK-30.



Este rapaz é realmente feio. Mas não se trata de nenhum foragido da justiça, monstro ou falsario. É apenas o radiador Paulo Massenet, da PRG-9, um dos bons interpretes caricatos do radio paulista.



Augusto Mendes que integrou há pouco o "cast" da Radio Gazeta, é um baritono de qualidades apreciáveis. Ele é o conhecido desenhista "Augustus" que assina desenhos comerciais e capas de livros, mas acha que só o radio ainda não dá para viver.



Ricardo Macedo é o organizador do programa "Música à Meia Luz" da Excelsior, irradiado da meia noite a uma hora. As audições são apresentadas por Odilon Araujo que o faz muito bem. Consta de músicas românticas de todos os generos é todas as noites é lido um poema, na parte "Momento de Poesia".

Oswaldo Moles, que deixou a Rádio Record pela Rádio Bandeirantes, está fazendo coisas esplêndidas na PRH.-9. Não se pode negar que o "indivíduo mais feio do rádio paulista" é, sem dúvida, um de seus melhores homens. Dotado de uma inteligência poliforme, grande sensibilidade e um bom gosto que ninguém poderá negar, Oswaldo Moles constitui, atualmente, o mais coçado elemento do "broadcasting" paulista. Que o diga o dr. Paulo de Carvalho...

NOSSAS EMISSORAS



COM UM PÉ NO CÉU

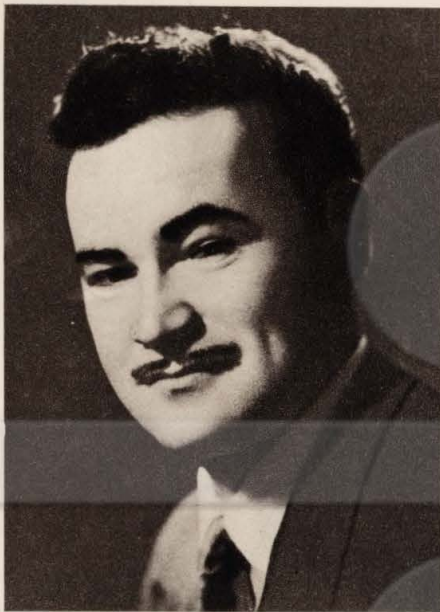
Aparece nesta foto o reporter radiofonico Carlos Vasconcelos entrevistando Frei José Maria Carneiro, missionario no Território do Acre, que esteve há pouco em São Paulo. Carlos Vasconcelos está realizando boas reportagens para a PRG-9. Têm passado por seus programas diversas personalidades de nosso mundo politico, artistico e científico, numa apresentação viva e original, orientada por um elevado senso profissional.

Ao entrevistar Frei José Maria, Vasconcelos declarou que matava dois coelhos de uma cajadada: Defendia o emprego e procurava grangear um pouco de simpatia junto ao Senhor. Coisa de que tanto necessita aquele erége.



Vida Alves, radiatriz das Associadas, diz que gosta de interpretar papeis de "vamp", o que nos dá uma sensação de insegurança diante dela. Em contato com a moça, concluímos que se ela inventa mesmo de bancar a "vamp", poderia, com a maior facilidade, complicar a vida de criaturas serias e timidas como o reporter.

Mario Donato, o popular autor de "Presença de Anita" e que acabou, há pouco seu segundo romance, naturalmente já distribuído nas livrarias, quando este número de "Foco" estiver em circulação, está levando à RÁDIO EXCELSIOR um punhado de excelentes idéias. Entre elas, a de fazer um grande rádio teatro, aproveitando, para intérpretes, os próprios intérpretes das peças apresentadas em São Paulo, quando fôr o caso, ou então, confiando os principais papéis a atores de comprovado valor. Assim, Sergio Cardoso, Cailda Becker, Vera Nunes, Antonieta Mourineau, Armando Couto, Paulo Autran e muitos outros já se apresentaram ao microfone da PRG.-9, em magníficos desempenhos radiofônicos.



Osvaldo Linares, como Augusto Mendes, é novo na Gazeta. Seu nome porém, é mais conhecido em São Paulo, onde já atuou na onda das Associadas e da Excelsior.



Walter Forster é indiscutivelmente um dos maiores cartazes masculinos da radio paulista. Fêz fama rapidamente como interprete, criando papeis romanticos, lendo crônicas e poesias ao microfone. Atualmente, porem, sua atividade abrange diversos setores da produção, escreve novelas e crônicas, comentários, e programas diversos. Pessoalmente Walter Forster é um rapagão simpático, com aparência de milionário gaucho de S. Leopoldo, daqueles que resultam de uma mistura de alemão com brasileiro. Um aspecto que vale a pena ressaltar em sua personalidade é o que se refere a sua seriedade e honestidade profissional. Forster é um homem que subiu no radio porque tem valor. Só por isso.

Waldir Wey, redator e produtor de programas da Rádio Excelsior, deixou a PRG-9, para dirigir o novo rádio-teatro da PRE-7, a popular emissora da rua da Consolação. Não se pode negar que a Rádio América fez uma excelente aquisição. E tanto é verdade, que os frutos já estão sendo colhidos... Waldir Wey é um homem de rádio, cem por cento...

NOTICIARIO DO CINEMA NACIONAL

Tonia Carreiro, a linda "Branca" de "Tico-Tico no Fubá" considera Anselmo Duarte o melhor galã do cinema nacional. Disse ela, a certo jornalista, que espera poder fazer mais filmes com seu "afortunado" companheiro. É uma coisa que, sem dúvida, os nossos leitores também esperam...

Osvaldo Sampaio — o homem mais feio do cinema nacional, mas incontestavelmente o mais simpático, também — é um dos responsáveis pela cenarização de "Tico-Tico no Fubá". Dizem que Sampaio não vai muito com Fernando de Barros, um dos produtores do filme... É fácil se imaginar porque, se

se levar em conta a vaidade dos homens. Não a de Sampaio.

LUDY VEIOSO QUE ATÉ AGORA SÓ FEZ TEATRO, FOI CONVIDADA PARA INTEGRAR O "CAST" CINEMATOGRAFICO DA MARISTELA. OS ESFORÇOS DE ARMANDO COUTO DERAM RESULTADOS... EM TODO O CASO, OS ESTUDIOS DE JAÇANÃ CONSEGUIRAM UM EXCELENTE ELEMENTO...

Vera Nunes, a encantadora Diana de "Presença de Anita" está estrelando "Suzana e o Presidente". A jovem atriz conquistou completamente a turma da Maristela. Mario Audrá Jr., um dos diretores da empresa de Jaçaná, nutre gran-

de admiração pela inteligente artista... Admiração todos nós temos... E muito, por Verinha Nunes.

Estamos na época das "biografias"... Uma coisa que já ocorreu na Europa e passou da moda... Mas como tudo no Brasil chega atrasado, só agora chegou a nossa vez de fazer "biografias". E tudo isto é para contar que se está cogitando de levar à tela a vida romanceada do grande poeta "Castro Alves". Uma idéia genial, se fôr feita com critério. E original, porque não se pode levar em conta a desastrosa e horrível película de Leitão de Barros, sobre o "cantor dos escravos".

UM OLHAR SOBRE OS

COCHICHOS E MEXERICOS



— SILVANA PAMPANINI E CARLO CAMPANINISERÃO OS PRINCIPAIS INTERPRETES DO FILME "AS ESTRELAS BRILHAM INUTILMENTE", REALIZADO NA ITÁLIA, SOB A DIREÇÃO DE A. PALELLA.



AMADEO NAZZARI, DIRIGIDO POR MARIO SOLDATI (DIRETOR DE "PEQUENO MUNDO ANTIGO"), INTERPRETARÁ O PAPEL PRINCIPAL DE UMA NOVA VERSÃO DE "FRA DIAVOLO". PARTICIPAM DA PELICULA VÁRIOS ATORES FRANCO-ITALIANOS.



— O principal café de Cosenza (Itália), foi batizado "AL LUPO DELLA SILA", em homenagem a Silvana Mangano, estrêla do filme homônimo, que se hospedou nêlo durante sua estada na cidade. "Al Lupo Della Sila" tem, como atores principais, Amadeo Nazzari e Jacques Sernas.

Liz Dailey, separada de Dan Dailey, esteve no Ciro's (famoso cabaret de Hollywood), acompanhada de Bob Neal; Polly Morgan, companheira de Mary Bressler em tantas comédias famosas, esteve às portas da morte; Ginger Rogers está fazendo, em Hollywood, um dos mais famosos programas de rádio; Vivian Blaine, a favorita do público em "Guys and Dolls", desmentiu os boatos de seu próximo divórcio, adquirindo, para viver com o marido, um bellissimo apartamento em Nova York; Frank Capra foi buscar em Paris o herói de seu novo celuloide. Trata-se do menino prodígio, Kachey Gencarl, que já se encontra em Hollywood.

A lista mensal publicada pela "variety", a revista de cinema e teatro mais divulgada nos Estados Unidos, sôbre os filmes que mais dinheiro deram durante os últimos meses, aponta, em primeiro lugar, "Sansão e Dalila", seguida de "Preço da Glória", "Céu de Fogo", "Iwo Jima" e "The Outlaw".

Conhecido diretor de Hollywood, solteiro, vivia preocupado com seu cachorro de estimação e não sabia o que fazer. Andava êle ocupado, o dia inteiro nos estúdios, e o pobre animal, fechado em casa, dejinhava a olhos vistos. Finalmente, um dia, o diretor lembrou-se de que o cão, todas as vezes que o telefone soava, punha-se de pé e ficava irrequieto e alegre, correndo pelo apartamento, enquanto durava o tintilar. Imediatamente imaginou um plano e tratou de pô-lo em ação; duas vezes por dia, do estúdio, telefonava para casa e deixava o telefone tocar durante vinte minutos, certo de que, nesse meio tempo, o cachorro se exercitava, alegremente, pelo apartamento.

Um amigo, sabendo da coisa, entrou, uma tarde, sorrateiramente, no apartamento e esperou o telefone tocar. Depois da nona chamada, o amigo tirou o fone do gancho e atendeu ao telefonema com um expressivo "bau-bau...", colocando em seguida o fone novamente no gancho.

Não é preciso dizer que do ouvido houve uma queda. O diretor havia desmaiado.

George Sanders regressou, finalmente, a Hollywood, após uma lua de mel na Europa, com Zsa Garbor. Sanders, que costumava ridicularizar os palacetes de Hollywood, comprou uma residência em Bel Air, com nada menos de quinze comodios.



Bette Davis deve estar muito grata a Claudette Colbert. Claudette, a estrêla originariamente escolhida para "A Malvada", em consequência de uma enfermidade viu-se forçada a rejeitar o papel e favoreceu, desse modo, a grande estrêla, que não só ganhou um marido, Gary Merrill, que também participou do filme, como ganhou um prêmio.



UM POUCO DE

Esta também passou-se num pequeno tribunal do interior e é contada por Bud Abbott. O presidente da mesa, depois de terminada a acusação, vira-se para o criminoso e diz:

— Acusado, queira explicar aos jurados a razão por que você lançou sua mulher ao rio!

— Pois não, senhor presidente — responde o acusado. Foi para o próprio bem dela! Imagine o senhor que o médico aconselhou-a a hidroterapia. E eu imediatamente tratei de por em ação a cura.



Esta é de Red Skelton, e ocorreu numa pequena cidade onde êle fora passar umas férias. Dois amigos se encontram na rua principal da cidade. Um vem correndo, apressado e aflito. Indaga o outro;

— Então, Alfredo, o que é isso? Onde vai você com tanta pressa?

— Chamar um médico... Meu filho está com uma febre de cavalo...

Retruca o amigo:
— Então, velhinho, você não precisa de médico algum. O que você precisa é de veterinário.

De passagem pela capital da Austria, Turhan Bey declarou que deverá viajar, em breve, para a Itália, onde participará de um filme sôbre o bandido Giuliano.

ESTUDIOS DO MUNDO

DENTRO E FORA DA TELA



BOM HUMOR

LOU COSTELLO COSTUMA CANTAR ESTA. NO TRIBUNAL DE UMA PEQUENA CIDADE DO INTERIOR, O JUIZ INDAGA DO ACUSADO:

— ENTÃO, POR QUE RAZÃO O SENHOR VIBROU DEZ PUNHALADAS EM SUA ESPOSA ?

— EU EXPLICO, DOUTOR ! — DIZ O ACUSADO. MINHA MULHER ANDAVA ANEMICA E O MÉDICO ACONSELHOU-ME A DAR-LHE FERRO... FOI O QUE FIZ !



Bing Crosby esqueceu-se certa vez do número de seu próprio telefone. Alarmado com as contínuas chamadas, o famoso ator proibiu fôsse estampado o número na lista. Por isso, ao se esquecer do número ligou para informações.

— Senhorita, podia me dar o telefone de Bing Crosby ?

— Infelizmente não, — responde a telefonista. — Mr. Crosby proibiu que o déssemos . . .

— Mas, senhorita, eu sou Bing Crosby.

— Ah ! Não diga, — retruca a telefonista irônica — então prove !

E Crosby teve que cantar uma canção para provar à telefonista que era, de fato, Bing Crosby.

Lana Turner comunicou à imprensa que deseja ser chamada, tanto no cinema como na vida particular, Lana Turner Topping. Parece que desta maneira pretende a aludida estrêla tornar definitivo o seu terceiro casamento.



Diana Lyn terá a maior oportunidade de sua vida, como protagonista do próximo filme de Spencer Tracy, "The People V. O'Hara". Esta é sua estréia na Metro e seu primeiro papel dramático. Diana interpretará o único papel feminino, ao lado de Tracy, John Hodiack e Pat O'Brien. O produtor William Wright e o diretor John Shurgis escolheram Diana entre várias artistas da Metro. Além disso, a Metro poderá vir a usar o talento de Diana como pianista, num de seus filmes musicais.



Adolphe Menjou, todos sabem, é um indivíduo elegantíssimo. Ainda hoje goza a fama de ser um "dandy". Pois bem, há dias, Adolphe saiu a passear pela Vine Street, famosa rua de Hollywood, envergando um impecável terno de casemira inglesa, posando seu irresistível brumelismo, a quem quisesse vê-lo. Um amigo ao vê-lo caiu numa gargalhada estentóricamente. Adolphe zangou-se e quer saber a razão daquela gargalhada. E o amigo confessa: "Ora bolas, você está com um sapato preto e outro marron . . ."

STELLA, UM DOS MANEQUINS MAIS LINDOS DE PARIS, FEZ UMA VIAGEM AOS ESTADOS UNIDOS, PARA APRESENTAR VESTIDOS CRIADOS POR PIQUET. PASSANDO POR HOLLYWOOD, ONDE SE DEMOROU APENAS DOIS DIAS, FOI NOTADA POR CECIL B. DE MILLE, QUE A CONVIDOU PARA UM "TEST" IMEDIATO. OS HABITANTES DE HOLLYWOOD DIZEM QUE STELLA NÃO DIZ "BONJOUR". A SAUDAÇÃO PARECE UM ASSOVIO, DE TÃO SUAVE. APROVADO O "TEST", O DIRETOR DE MILLE ESCOLHEU A LINDA FRANCESA, NADA MAIS, NADA MENOS, PARA "ESTRÊLA" DE SUA NOVA PRODUÇÃO, QUE SE INTITULARÁ "GREAT SHOW", COM O SUBTÍTULO "O MAIOR ESPETÁCULO DO MUNDO".



Os chapeleiros dos Estados Unidos em geral, e os de Hollywood, em particular, andam indignados com Joan Crawford, porque a famosa estrêla declarou, recentemente, que os chapéus são absolutamente inúteis no chiquismo de uma toilette. Joan anunciou mesmo que jamais tornará a usar chapéus, na tela ou em sua vida privada, declarando. "Os chapéus são caros e eu preciso de dinheiro para criar meus quatro filhos".

Jean Cocteau é um homem que se desdobra em mil coisas. Verdadeiro músico de sete instrumentos, Cocteau é romancista, teatrólogo, poeta, ator, diretor de cena, diretor cinematográfico, dialoguista, argumentarista e pintor. Desta última faceta do seu talento, constam os desenhos sobre temas de "Orfeu", a próxima película do artista francês, a ser apresentada em São Paulo.



Chaplin queria fazer um filme sobre o problema negro nos Estados Unidos, mas foi advertido de que tal obra não seria distribuída. Decidiu, então, filmar o "Tartufo", de Moliere. Mas, logo ficou sabendo que também um filme assim não gozaria dos benefícios da censura americana. Parece, porém, que Chaplin está disposto a levar à frente a filmagem de "TARTUFO", razão porque irá à França filmá-lo.

Eva Bartok é uma nova revelação do cinema húngaro. Conta 21 anos, é morena, tem um lindo sorriso e está atualmente na Inglaterra, uma vez que há poucas possibilidades cinematográficas em sua pátria. Atualmente, está no elenco de "A Tale Five Cities", interpretando o papel de uma pequena de Viena, uma das cinco cidades de que nos dá idéia o título da película. Sua cidade natal é Budapeste, que não figura na história. Para conservação da linha, Eva Bartok, cujo verdadeiro nome é Eva Szoke, pratica ciclismo, do qual é ardorosa fã.



Esta é contada por Dany Kaye. Dois amigos conversavam. Dizia um.

— Imagina você, que durante minhas últimas férias, minha sogra foi mordida por uma terrível cobra...

— ... E morreu — interrompe o outro solícito.

— Não — retruca o primeiro. Quem morreu foi a cobra.

CARTAZ

LIA DE AGUIAR

Lia de Aguiar, uma das maiores expressões femininas do rádio-teatro paulistano, nasceu em 30 de Abril de 1927. Está, portanto, com 24 anos. Idade quase sem classificação popular. Não é nem brôto, nem balzaqueana. Um publicitário, gente que tem a mania de rotular as coisas por iniciais, diria que ela é apenas B. (Bôa). É natural de Taubaté, Estado de São Paulo e iniciou sua carreira no rádio em novembro de 1943, na Rádio Difusora, onde trabalha até agora, desdobrando-se um pouco na Tupi, outro na Difusora, naquela azafama meio desordenada do Sumaré, em que os artistas mal têm tempo para olhar o quadro de escalação.

Lia é uma criatura pessoalmente simpática. Falando com ela não se desfaz a impressão que se tem ao ouvir sua voz ao microfone. Seu temperamento artístico a colocou entre as melhores interpretes brasileiras. Suas interpretações convencem. Para encarnar uma personagem de ficção, Lia se despe de sua própria personalidade. Não é ela mesma ao micro. É outra criatura, a mulher que sofre, a amorosa, a desprezada, a enraivecida, a terna e humana criatura do mundo, do vasto mundo das novelas.



LEONARDO, HUMORISTA CLASSE B

Leonardo de Castro demonstrou ser humorista de rádio. Seus quadros para o show "Amanhã é Domingo" da Excelsior, fazem rir. Leonardo escreve com alguns lugares comuns e suas piadas são "abertas", claras à compreensão do ouvinte. Não há grandes intenções em suas frases. Quando ele quer dizer que uma garota é "boa" e se dá a certas permissões, a coisa vem clara como água. E o ouvinte fica logo sabendo de tudo sem precisar se esforçar muito. Em suma, Leonardo agrada o público que a Excelsior procura atingir no momento.

PARA GREGOS E TROIANOS

A "Escolinha do Titilo", de Paulo Leblon, que é irradiada pela Tupi, vai ser transformada numa escolinha de verdade para alfabetização de adultos, em colaboração à campanha promovida pelo govêrno.

★

Helio Araujo, que no ano passado foi classificado entre os melhores, como animador, este ano é forte concorrente ao prêmio de piadas sem graça, em disputa com Blota Junior, o homem da "Jhuencia", que, ao que dizem, é o favorito de dois terços do juri.

★

SÓBRIO É WALTER RIBEIRO DOS SANTOS. WALTER NÃO É MUITO EXUBERANTE. HÁ DIAS EM QUE LEVA MUITO TEMPO PARA ACHAR O TERMO EXATO AO MICROFONE. É COMO CERTOS JOGADORES DE FUTEBOL QUE TÊM O "SEU DIA", E DE VEZ ENQUANDO ENTERRAM O TIME. ASSIM É O "GORDINHO" DA G-9. SE A GENTE PUDESSE SABER QUANDO É QUE ELE ESTÁ BOM!...

★

Dois rapazes conversavam no corredor de uma rádio local:

— Que fim levou a Lia Marçal? Depois que saiu da Excelsior ninguém mais ouviu falar nela? Será que foi trabalhar na América ou na emissora de Piratininga?

— A Lia? Ué, você não sabe que ela casou e se retirou do rádio?

— Casou?

— Sim, senhor

E o outro com convicção:

— Eu sempre disse que aquela garôta era uma grande atriz!

★

Borges de Barros da G-9, há pouco tempo se sentiu doente e foi consultar um médico.

— Doutor, estou bombardeado, com o estomago e outros órgãos inferiores em pandareco. Não sei o que está acontecendo aqui dentro.

O médico tocou na barriga do melhor centro dramático e caricato do S. Paulo e perguntou:

— O que você andou comendo?

— Nada, doutor. Comi as coisas mais inocentes do mundo. Puro alimento de crianças de um ano: laranja verde, areia, dois papéis de balas de mel, e um pedacinho ansinzinho de sabonete...

★

HÁ DOIS DIAS OUVIMOS A "AVE MARIA" DA EXCELSIOR, ESCRITA E DIRIGIDA POR PEDRO GERALDO COSTA. ERA TERÇA-FEIRA, DIA EM QUE É IRRADIADA UMA RADIOFONIZAÇÃO ALUSIVA AO PODER DA ORAÇÃO. O PROGRAMA É PATROCINADO PELOS PRODUTOS VALERY, ARTIGOS DE EMBELEZAMENTO. E PARA UM POBRE CRISTÃO DECAIDO COMO O CRONISTA TUDO AQUILO PARECEU MUITO ENGRAÇADO. NÃO DUVIDO DA EFICACIA DO PROGRAMA PARA AS PESSOAS DADAS A PRÁTICAS MÍSTICAS, MAS O HELIO DE ALENCAR, REZANDO O PADRE NOSSO É DE MATAR DE RIR. QUANTO AO PEDRO GERALDO, ESTÁ FAZENDO UM PROGRAMINHA SENÃO INTERESSANTE, PELO MENOS DE EFEITO, QUE PODE SER ATÉ SINCERO.

Flamour

O perfume de
todas as mulheres

COLONIA
PO DE ARROZ
ROUGE
BATON
EXTRATO
TALCO
LAVANDA
LOÇÃO
BRILHANTINA
OLEO
... TUDO FLAMOUR

Marcelle Auclair



DICIONÁRIO

DA

BELEZA FEMININA

LIVRARIA

MARTINS EDITORA

UM LINDO LIVRO
PARA
LINDAS MULHERES!

DICIONÁRIO
da BELEZA
FEMININA

*O livro da graça e
do encanto femininos*

O que fazer para tornar-se bela? É a pergunta que tôdas as mulheres fazem, mas que nem sempre encontra uma resposta satisfatória.

Marcelle Auclair, a especialista número um de Beleza, responde da França, pátria da elegância e do encanto femininos, esta pergunta que está nos lábios de tôda a mulher inteligente.

Não deixe de adquirir êste livro, que alcançou um dos maiores sucessos de livreria na Europa!

Um BELÍSSIMO
VOLUME COM
CÊRCA DE 400 PÁ-
GINAS DE RECEITAS
E CONSELHOS PARA
A BELEZA, DISPOS-
TOS EM ORDEM
ALFABÉTICA,
IMPRESSO EM
2 CÔRES E CAR-
TONAGEM ESPE-
CIAL. . CR\$ 60,00

Enfim! UM LIVRO QUE É UMA HOMENAGEM ÀS MULHERES BELAS DO BRASIL!

Livraria MARTINS *Editora S.A.* Rua São Francisco, 77/81 - SÃO PAULO